

FABIANA SANTOS BOMCOMPAGNI

Fotojornalismo como construção social da realidade:

Uma análise sobre o uso do sensacionalismo e a construção dos personagens

tipo do caderno de polícia do jornal *Diário da Tarde*

Belo Horizonte

2005

FABIANA SANTOS BOMCOMPAGNI

Fotojornalismo como construção social da realidade:

**Uma análise sobre o uso do sensacionalismo e a construção dos personagens
tipo do caderno de polícia do jornal *Diário da Tarde***

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social do Departamento de Ciência da Comunicação do Centro Universitário de Belo Horizonte – UNI BH, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientador: Luiz Ademir

Belo Horizonte

2005

SUMÁRIO

Introdução	05
1 O fotojornalismo e a construção social da realidade.....	08
1.1 A linguagem como forma de construção social da realidade e a centralidade da mídia.....	08
1.2 O fotojornalismo como construção do real.....	19
2 Imagens da violência no jornalismo de cunho sensacionalista.....	25
2.1 A pulsão de morte: a agressividade e o sensacionalismo.....	25
2.2 A mídia e as representações simbólicas da violência.....	28
2.3 Jornalismo sensacionalista.....	31
3 As imagens da violência no <i>Diário da Tarde</i>	42
3.1 Metodologia de análise.....	42
3.2 <i>Diário da Tarde</i>	42
3.3 <i>Diário da Tarde</i> : os personagens do mundo do crime.....	44
3.3.1 Personagens criminosos.....	45
3.3.1.1 Os criminosos presos.....	45
3.3.1.2 Os criminosos mortos.....	48
3.3.1.3 “Prefeito sob suspeita: os criminosos de elite.....	48
3.3.2 Personagens de instituições policiais.....	48
3.3.3 Personagens vítimas.....	52
3.3.3.1 As vítimas das tragédias.....	52
3.3.3.1.1 Vítimas sob ameaças.....	53
3.3.3.1.2 As vítimas do mundo do crime.....	54
3.4 O mundo do crime construído pelo <i>Diário da Tarde</i>	55
3.4.1 Os criminosos X a Polícia.....	55

3.4.2 A natureza sensacionalista.....	57
3.4.3 A comunicação, o meio técnico e o contrato de leitura com o público alvo...	57
3.5 Fotojornalismo como construção do real.....	61
3.6 A banalização da violência como representação social.....	61
Conclusão.....	67
Referências bibliográficas.....	69
Anexos.....	70

Introdução

A violência sempre existiu em todas as sociedades. No livro “Da revolta ao crime S/A”, Alba Zaluar (1996) afirma que até mesmo nas sociedades tribais em que não existia divisão de classes, havia a exploração do homem pelo homem. Desta forma, cada um tinha o direito de fazer justiça com as próprias mãos quando se sentia lesado. Para Zaluar (1996), em muitas sociedades pré-letradas, pré-industriais e pré-estatais, a justiça estava baseada na retribuição ou na reparação do dano. A ordem social e legal era uma só. Nas sociedades estatais modernas, a reciprocidade e a vingança também existem na idéia da retribuição, seja nos presentes de aniversário, seja na concepção popular de justiça, que pretende que ao mal causado corresponda uma penalidade equivalente.

Hoje, a violência funciona como meio de expressão, como uma forma dos cidadãos escaparem de sua realidade cruel. As formas de violência praticadas hoje no Brasil se devem, em várias circunstâncias, á falta de planejamento do Estado e ao seu modelo político econômico que gera um quadro de exclusão social. A proliferação deste assunto (violência) faz com que cresça na sociedade civil a obsessão pelo medo e isso determina a forma de vida dos indivíduos. Pode-se perceber a mudança de atitudes nas ações cotidianas buscando evitar que a violência os atinja.

A cobertura da violência pela mídia mostra que as empresas de comunicação buscam tratar este assunto de forma chocante e dramática. As crises enfrentadas por todo o país fazem com que os veículos de comunicação tenham a necessidade de produzir notícias mais atrativas para a venda. Os cadernos de polícia, muitas vezes, são taxados de sensacionalistas e por isso são alvos de freqüentes críticas. No entanto, como destaca Rondelli (2000), as representações sociais sobre a violência estão disseminadas pela mídia e deixaram de estar centradas apenas nos cadernos policiais.

O tema escolhido para a elaboração deste trabalho é o fotojornalismo policial. As fotografias revelam conceitos e sua importância e seu valor estão na informação que elas são capazes de passar. Os elementos da imagem, inclusive as cores, são conceitos transcódificados que pretendem ser impressões automáticas do mundo lá fora. É indiscutível o poder que a imagem exerce sobre os leitores. Uma foto pode ser usada como estímulo à leitura de um determinado texto ao qual está veiculada. Por isso a ética das imagens é tão importante. Existem vários casos em que essa discussão ética deve ser discutida, como a manipulação tecnológica das imagens, situações forjadas para que se obtenha algum resultado satisfatório e até captação de imagens sem autorização.

Em função disso, é tão importante se pensar na fotografia utilizada para ilustrar as matérias dos cadernos policiais. Uma característica do jornalismo policial é que ele está no limiar entre a realidade e a ficção. A notícia policial dá mais possibilidade de dramatização. Nesse sentido, parte-se da problemática de investigar que tipo de representações são construídas a partir das fotografias no caderno de polícia do *Diário da Tarde*, focando os "personagens" retratados. As imagens servem para reforçar estereótipos? Que tipo de jornalismo se trata?

Nesta pesquisa, é desenvolvida uma análise, a partir das fotografias e textos utilizados nas matérias, sobre o uso do sensacionalismo no caderno de polícia do jornal *Diário da Tarde*. A partir desta temática, são discutidos, em dois capítulos teóricos, a linguagem como forma de construção social da realidade e a centralidade da mídia, o fotojornalismo como construção do real, as imagens de violência no jornalismo de cunho sensacionalista, a mídia e as representações simbólicas da violência, e o próprio jornalismo sensacionalista.

Já na análise, é realizada uma descrição das fotografias utilizadas para ilustrar as matérias do caderno de polícia do *Diário da Tarde*, em que é mostrado o assunto das matérias e o que as fotos acrescentavam à notícia. Depois, é feita uma análise desta descrição, ou seja,

com as evidências empíricas, com a argumentação teórica e conceitual construída ao longo dos dois primeiros capítulos.

1 O fotojornalismo e a construção da realidade

1.1 A linguagem como forma de construção social da realidade e a centralidade da mídia

Ao tomar como objeto de análise o trabalho de fotojornalismo do jornal *Diário da Tarde*, voltado para um público mais popular (pertencente as classes C e D), e tendo como foco as fotografias de matérias policiais, é importante trazer a discussão sobre as diferentes formas de construção da realidade, incluindo as linguagens visuais. Nesse sentido, mesmo a fotografia, ao parecer ser uma cópia do real, trata-se da construção de uma nova versão da realidade.

Para explicar essa complexidade que marca a sociedade e a natureza humana, o trabalho de Berger e Luckmann (1996) – *A construção social da realidade* – é fundamental. Segundo os autores, o homem ocupa uma posição diferenciada em relação aos demais animais, que encontram um meio ambiente estruturado para si, em função de sua condição biológica. Eles não concordam que existe uma natureza humana, porque, para eles, é o próprio homem que produz a si mesmo. E isso se dá necessariamente por um empreendimento social. Berger e Luckmann chegam à conclusão de que existe uma ordem social que o homem produz no seu movimento de exteriorização. “A ordem social existe unicamente como produto da atividade humana” (BERGER e LUCKMANN. 1996, p. 76).

A institucionalização surge quando as ações humanas se repetem com o tempo, tornando-se hábitos e a reprodução delas constitui uma economia de esforço para os indivíduos. Esses hábitos são aqueles socialmente compartilhados por serem considerados relevantes para os demais indivíduos do grupo. O que é gerado nesse movimento de exteriorização da ação que o homem faz, dá-se o nome de objetivação.

A ação do homem, coletivamente, engendra a sociedade, que, por sua vez, determina os indivíduos. Para Berger e Luckmann, se não pensarmos em três pressupostos básicos do texto, seria impossível analisar o mundo social sem ser correr o risco de se distorcer a realidade. São eles: a sociedade é um produto humano, a sociedade é uma realidade objetiva e o homem é um produto social.

A legitimação é uma forma de explicação e justificação sustentada por valores e crenças, de modo a tornar a institucionalização objetivamente acessível e subjetivamente plausível. Esse processo de legitimação é composto por algumas características importantes: a lógica que busca a coerência que está enraizada na própria ação humana; a linguagem que é o principal instrumento que possibilita a elaboração de universos de significação socialmente compartilhados; a regras de conduta/controle, que são receitas, prescrições do que é institucionalmente adequado; e as sanções que são punições para os desviantes da ordem institucional.

É possível distinguir analiticamente entre diferentes níveis de legitimação: como primeiro nível, os autores apontam as objetivações lingüísticas. Como segundo nível, as proposições teóricas em forma rudimentar. O terceiro nível refere-se a legitimação por via de especialistas. No quarto nível, estão os universos simbólicos.

Sobre o último nível de legitimação dos mecanismos institucionais da sociedade – os universos simbólicos – integram-se de forma diferente das áreas de significação e alcançam a ordem institucional em uma totalidade simbólica. O universo simbólico oferece a ordem para apreensão subjetiva da experiência biográfica ordenando e por isso mesmo legitimando os papéis cotidianos.

As instituições incorporam-se às experiências do indivíduo por meio de papéis. Estes lingüisticamente objetivados, são um ingrediente essencial do mundo objetivamente acessível de qualquer sociedade. Ao desempenhar papéis, o indivíduo participa de um mundo social. Ao interiorizar estes papéis, o mesmo mundo torna-se subjetivamente real para ele (BERGER & LUCKMANN, 1996, p 103).

Uma questão de fundamental importância apresentada pelos autores é se o homem tem idéia de que o mundo social é uma construção sua e que pode ser feito por ele. A esse processo é dado o nome de reificação. Assim como as instituições, os papéis e a identidade dos indivíduos que praticam as ações podem ser reificados. Isso ocorre quando os indivíduos se identificam com as tipificações que lhes são atribuídas socialmente.

O processo de interiorização realiza-se pela socialização, que consiste num momento de grandes dimensões, que visa a inserir o indivíduo no mundo objetivo de uma dada sociedade. Esse processo tem dois estágios: a socialização primária e a secundária.

A socialização primária acontece na infância e marca seu ingresso na vida social do indivíduo. Esse tipo de socialização é mais importante para o indivíduo porque não é uma aprendizagem pautada em processos cognitivos, mas, sim, num ambiente de elevada carga de emocionalidade. O que ele conhece como realidade objetiva é apenas o conjunto de informações e definições que são passadas por seu pai, mãe, irmãos e “outros significativos”. Eles é que estabelecem a mediação entre o mundo social e objetivo e o indivíduo, fazendo uma “filtragem” da realidade a partir de sua própria localização social e história pessoal.

A interiorização só ocorre quando há identificação, ou seja, quando a criança tiver assumido como seus, os papéis e atitudes dos “outros significativos”. Ao fazer isso, a criança também assume o mundo deles. Ela passa agora a se identificar com uma generalidade de outros, a sociedade. Alcançar esta consciência do “outro generalizado”, significa que a criança, ao mesmo tempo, interioriza a sociedade como sua realidade objetiva e estabelece subjetivamente uma identidade coerente e contínua para si.

A socialização primária se dá quando o conceito de “outro generalizado” se estabelece na consciência do indivíduo. A partir disto, ele se torna um membro efetivo da sociedade, tendo, subjetivamente, uma personalidade e um mundo.

Os conteúdos da socialização secundária são aqueles da ordem institucional e são assim transmitidos como um corpo de conhecimento. Diferentemente da socialização primária, na socialização secundária, os “submundos” são interiorizados como realidades parciais. Aqui, os outros são conhecidos como pessoas que ocupam determinadas posições num contexto ampliado que é o institucional. Dessa forma, o aprendizado é pautado por componentes normativos e afetivos, assim como cognitivos. Por esse motivo, são mais facilmente descartáveis e substituídos.

Como a socialização nunca é completa e seus conteúdos sofrem ameaças em sua realidade subjetiva, a sociedade cria mecanismos que salvaguardem uma certa simetria entre a realidade subjetiva e objetiva. Na socialização objetiva, ocorre a legitimação e o caso da realidade subjetiva, a sociedade cria mecanismos de conservação da realidade interiorizada pelo indivíduo. Berger e Luckmann acreditam que sempre existe a presença de metamorfoses, indicando possibilidades de mudanças. A conservação da realidade ocorre de dois modos diferentes: pela conservação rotineira e conservação crítica. Esse processo de conservação possibilita a clara diferenciação entre os “outros significativos” e outros menos importantes. Todos eles são responsáveis pela conservação da realidade subjetiva do indivíduo. Para Berger e Luckmann, a conversa é o veículo fundamental para a conservação da realidade. Pela conversa pode-se simultaneamente conservar a realidade e também modificá-la continuamente, acrescentando-se certos pontos em detrimento de outros.

Para que a realidade subjetiva seja efetivamente mantida, o aparelho de conversa deve ser contínuo e coerente. A conversa é, portanto, de suma importância. No entanto, a realidade subjetiva não é estática e reificada. Apesar da realidade subjetiva nunca poder ser socializada e não poder ser transformada por processos sociais, casos existem de transformação que parecem totais, chamadas de alterações, um exemplo é a conversão

religiosa. A alteração exige que o indivíduo seja submetido a um processo de re-socialização que se dá através de uma estrutura similar á socialização primária.

Berger e Luckmann apontam o papel central da linguagem como mecanismo de socialização e de transformação do mundo social. Ao realizar tal discussão com a modernidade, percebe-se que hoje a linguagem passa por um processo permanente de mediação. Com o surgimento dos meios de comunicação de massa, novas formas de interação social emergiram. Partindo de um olhar sociológico, Thompson (1999), no livro *A mídia e a modernidade*, numa concepção próxima a de Berger e Luckmann, analisa a inserção dos meios de comunicação na sociedade contemporânea.

Para Thompson, a comunicação deve ser compreendida como uma forma de ação e por isso sua análise deve se basear, em parte, na análise desta ação e na consideração de seu caráter socialmente contextualizado. A vida social é formada por indivíduos que possuem objetivos variados e se submetem a um conjunto de circunstâncias que proporcionam a eles diferentes inclinações e oportunidades. O que irá diferenciar os indivíduos é a capacidade ou poder que eles possuem para agir e alcançar seus próprios objetivos e interesses. Para Thompson, existem quatro tipos de poder, que refletem os diferentes tipos de atividades nas quais os seres humanos se ocupam, e os diversos tipos de recursos que utilizam para o exercício do poder. São eles: econômico, político, coercitivo e simbólico.

O poder econômico provém da atividade humana produtiva que implica uso e criação de vários tipos de recursos materiais e financeiros. O acúmulo destes recursos, por indivíduos ou organizações, tem como objetivo a expansão da sua atividade produtiva, o que tornará maior seu poder econômico.

O poder político vem da “atividade de coordenação dos indivíduos e da regulamentação dos padrões de sua interação” (THOMPSON, 1999. p. 22). Max Weber, citado por Thompson, observou que geralmente a capacidade do Estado exercer sua

autoridade depende de sua capacidade para exercer as outras duas formas de poder. O coercitivo e o simbólico. O primeiro implica o uso ou ameaça da força física, que pode ser aumentada pelo uso de armas, equipamentos ou mesmo pelo treinamento e por táticas, inteligência ou planejamento. Um exemplo da forma mais importante de poder coercitivo é o poder militar, que tem sido usado, tradicionalmente, tanto para a defesa e a conquista externas, quanto para a pacificação e controle internos.

Já o poder simbólico nasce da atividade de produção, transmissão e recepção do significado das formas simbólicas. Esta atividade é característica fundamental da vida social em igualdade de condições com a atividade produtiva, a coordenação dos indivíduos e a atividade coercitiva.

Na produção de formas simbólicas, os indivíduos se servem destas e de outras fontes para realizar ações que possam intervir no curso dos acontecimentos com conseqüências das mais diversas. As ações simbólicas podem provocar reações, liderar respostas de determinado teor, sugerir caminhos e decisões, induzir a crer a descrer, apoiar os negócios do estado ou sublevar as massas em revolta coletiva (THOMPSON, 1999, p. 24).

Há uma grande variedade de instituições que assumem um papel particular importante na acumulação dos meios de informação e de comunicação, já que a atividade simbólica é fundamental para vida social. Como exemplos, podem ser citadas as instituições da mídia que são orientadas para a produção em larga escala e a difusão generalizada das formas simbólicas no espaço e no tempo. Elas fornecem bases para a acumulação dos meios de informação e comunicação, como também os recursos financeiros e materiais, e forjaram os meios com os quais a informação e o conteúdo simbólico são produzidos e distribuídos pelo mundo social. O desenvolvimento da mídia transformou a natureza da produção e do intercâmbio simbólicos do mundo moderno.

Os indivíduos geralmente utilizam um meio técnico para produzir e transmitir aos outros, as formas simbólicas. Este meio técnico é o elemento material através do qual a

informação ou conteúdo simbólico é transmitido e fixado. O grau de fixação dependerá do meio específico utilizado. Esta variação também ocorrerá na medida em que nos permitem alterar ou revisar uma mensagem fixada. Assim, os meios técnicos e as informações armazenadas podem servir de fonte para o exercício de diferentes formas de poder.

Outro atributo dos meios técnicos é a capacidade de reprodução, que é a possibilidade de multiplicar as cópias de uma forma simbólica. A reprodutibilidade é uma das características base da exploração comercial dos meios de comunicação. Conforme a reprodução das formas simbólicas vai se tornando comum, o caráter de originalidade e autenticidade de uma obra acaba influenciando seu valor de mercado.

Os meios técnicos também permitem um certo grau de distanciamento espaço-temporal. Esta extensão varia grandemente, dependendo das circunstâncias de comunicação e do tipo de meio técnico empregado.

Ao alterar as condições espaço-temporais da comunicação, o uso dos meios técnicos também altera as condições de espaço e de tempo sob as quais os indivíduos exercem o poder: tornam-se capazes de agir e interagir a distância; podem intervir e influenciar no curso dos acontecimentos mais distantes no espaço e no tempo. O uso dos meios técnicos dá aos indivíduos novas maneiras de organizar e controlar o espaço e o tempo, e novas maneiras de usar o tempo e o espaço para os próprios fins. O desenvolvimento de novos meios técnicos pode também aprofundar o impacto com que os indivíduos experimentam as dimensões de espaço e de tempo da vida social (THOMPSON, 1999, p. 29).

O uso de meios técnicos implica o uso de um conjunto de regras e procedimentos de codificação e decodificação da informação ou do conteúdo simbólico.

Ao analisar a mídia sob um olhar sociológico, Thompson lança questionamentos sobre a idéia que se tem de comunicação de massa. Segundo o autor, o que é importante na comunicação de massa é o fato de que os produtos estão disponíveis em princípio para uma pluralidade de destinatários. Não se deve pensar que os estes destinatários são passivos. A comunicação de massa diferencia-se da interação face a face por ser um fluxo de

comunicação em sentido único. Uma forma do receptor interagir no processo de comunicação de massa é, por exemplo, escrever cartas ao editor, telefonar para a rádio ou televisão ou mesmo não comprar um produto oferecido por ela.

Thompson explica que a comunicação de massa está interligada aos desenvolvimentos históricos e fenômenos comunicativos e descreve cinco características deste fenômeno. Sua primeira característica é que ela envolve certos meios técnicos e institucionais de produção e difusão. O desenvolvimento das indústrias da mídia tornou possível a produção e difusão generalizada dos conteúdos simbólicos, porque elas sempre se interessaram pela exploração comercial das inovações técnicas.

A segunda característica da comunicação de massa está ligada à mercantilização das formas simbólicas, que dá valor aos objetos. Existem dois tipos de valorização: a simbólica, relacionada ao apreço, estima ou indiferença e desprezo dado pelos indivíduos aos objetos, e a econômica, relacionada ao valor pelo qual os objetos podem ser trocados no mercado.

A comunicação de massa implica a mercantilização das formas simbólicas, já que os objetos produzidos pelas instituições da mídia passam por um processo de valorização econômica. Os jornais e as transmissões de rádio e TV, por exemplo, têm a capacidade de vender o espaço para a propaganda aos anunciantes. As indústrias da mídia não são as únicas instituições interessadas na valorização econômica, mas no mundo moderno, elas estão entre as mais importantes instituições que invadem a vida cotidiana dos indivíduos.

A terceira característica, segundo Thompson (1999), estabelece uma diferença entre a produção e a recepção das formas simbólicas, o que interfere em seus processos. A produção e recepção acontecem em contextos separados e são caracterizadas por um tipo distintivo de indeterminação, uma vez que ocorrem na ausência de deixas dos receptores.

A quarta característica é a extensão da disponibilidade das formas simbólicas no tempo e no espaço. “Informação e conteúdo simbólico são colocados á disposição de um número incalculável de indivíduos, em espaços cada vez mais amplos e em velocidade sempre maior” (THOMPSON, 1999, p. 35).

Como quinta característica da comunicação de massas, já apontando o caráter democrático da mídia, o autor argumenta que ela implica a circulação pública das formas simbólicas. Em princípio, elas são disponibilizadas a uma pluralidade de destinatários, basta que estes tenham meios técnicos, habilidades ou recursos para adquiri-los.

Outro aspecto abordado pelo autor refere-se a uma nova concepção espaço-temporal. O advento da telecomunicação trouxe uma disjunção entre o espaço e o tempo. As formas simbólicas podem ser transmitidas num período cada vez menor de tempo a distâncias cada vez maiores. Isso fez com que ocorresse uma outra transformação: a simultaneidade não espacial, ou seja, eventos que ocorrem ao mesmo tempo, em locais distintos. Por causa desta simultaneidade, foram criados os fusos horários e a introdução do horário padronizado, baseado na Hora média de Greenwich.

Conforme esclarece Thompson (1999), o desenvolvimento dos meios de comunicação criou a “historicidade mediada”, que está relacionada ao nosso sentido do passado e de como ele nos alcança e se torna cada vez mais dependente da expansão crescente de um reservatório de formas simbólicas mediadas. Este desenvolvimento criou também a nossa compreensão do mundo fora do alcance de nossa experiência pessoal.

Ao desenvolver uma análise mais otimista dos meios de comunicação, o autor também argumenta que o processo de recepção dos produtos da mídia deve ser compreendido de uma outra forma, não como uma massa passiva que recebe estímulos. O autor entende que a recepção dos produtos da mídia é uma rotina, uma atividade prática que os indivíduos já vêem como parte de suas vidas. Vários estudos foram feitos com intuito de verificar em que

condições os produtos da mídia são recebidos, como os indivíduos os processam e quais os sentidos lhes dão. Chegou-se á conclusão de que os sentidos variam de acordo com a formação e condição social de cada um. Isso faz com que a mesma mensagem seja entendida de maneiras e contextos distintos.

“A atividade de recepção se realiza dentro de contextos estruturados que dependem do poder e dos recursos disponíveis aos receptores em potencial” (THOMPSON, 1999. p. 42). A atividade dos produtos da mídia deve ser vista como uma atividade situada, já que seus receptores estão situados em específicos contextos sócio-históricos. Ela deve ser também uma atividade de rotina, já que é uma parte integrante das atividades constitutivas da vida diária. Além disso, é uma realização especializada, porque depende de habilidades e competências adquiridas que os indivíduos mostram no processo de recepção. E por fim, a recepção dos produtos da mídia é fundamentalmente um processo hermenêutico, porque este tipo de recepção implica certo grau de atenção e de atividade interpretativa por parte do receptor.

Considerando este processo hermenêutico, chega-se á conclusão de que há uma vasta gama de interpretações para os produtos disponibilizados pela mídia, já que para compreendê-los os indivíduos utilizam seus próprios conhecimentos e contexto-histórico. Tal aspecto de interpretação faz com que os indivíduos, ao interpretarem as formas simbólicas, os incorporem na própria compreensão que têm de si mesmos e dos outros. Pode-se dizer, então, que estamos nos modificando através das mensagens de conteúdo significativo oferecidos pelos produtos da mídia. Eles se tornaram um dos meios de autoformação do mundo moderno.

Numa linha de análise articulada à idéia de Thompson, o autor Adriano Duarte Rodrigues (1990, 1994) propõe uma crítica positiva ao papel da comunicação na contemporaneidade. Para o autor, há uma relação intrínseca entre a modernidade e a

emergência da questão comunicacional. Segundo o autor, o avanço da modernidade faz com que a comunicação ocupe um espaço de centralidade na vida social. A comunicação originada dos produtos da mídia passa a servir como mediadora entre os outros campos sociais como a política, religião, economia, etc. Nos dias atuais, a comunicação serve para legitimar discursos, comportamentos e ações. Apesar disso, Rodrigues afirma que a ideologia comunicacional continua a ser inseparável da vontade de um recomeço e a invenção de uma nova era. Dessa forma, Rodrigues tenta compreender como o discurso da comunicação corresponde á relativa falência da modernidade. Para ele, a criação e o restabelecimento dos laços sociais depende de um processo de troca simbólica generalizada, constituída pela obrigação de dar, de receber, e de retribuir.

Rodrigues estabelece uma distinção entre os conceitos de informação e comunicação. Para ele, no entanto, apesar da carga cada vez maior de informação, não está havendo perda do espaço da comunicação, da interatividade. Para explicar a diferença, o autor afirma que há uma confusão entre o conceito de informação e comunicação pelo fato de a comunicação social ser designada como o conjunto dos meios de informação, sejam eles a imprensa escrita ou a radiodifusão sonora ou televisiva. Mas estes conceitos são distintos. Rodrigues ressalta que o aumento da informação, a chamada planetarização da informação, não implica na perda da dimensão comunicativa. A informação tem a ver com os critérios de noticiabilidade e por isso os acontecimentos são mais informativos quanto menos previsíveis e mais inesperados forem.

Assim, Rodrigues explica que a informação não depende do controle da razão humana, ao contrário da comunicação que é um processo dotado de relativa previsibilidade. Os processos comunicacionais são dotados de valores que põem em jogo as preferências, as opções, os desejos, os amores e os ódios, projetos, as estratégias dos interlocutores na interação. Segundo Rodrigues, a comunicação é um processo de troca simbólica generalizada.

A esfera da informação e a dimensão comunicacional estão relacionadas. Estamos hoje em contato com uma multiplicidade de mundos e o conhecimento deles, nos são disponibilizados através dos complexos e sofisticados dispositivos de informação. Este excesso de informação faz com que tenhamos a sensação de estarmos sempre desatualizados. Rodrigues acredita que, mesmo havendo uma planetarização da informação, os homens não partilham da mesma visão de mundo. Para ele, cada uma das culturas continua a definir um horizonte que delimita o espaço do entendimento e da compreensão dos acontecimentos e das mensagens.

A esfera da informação tem a função de transmissão de mensagens, já a comunicação é intersubjetiva e está relacionada na experiência particular e individual dos interlocutores. Nesse sentido, por exemplo, uma fotografia na capa do *Diário da Tarde* é uma informação, mas que pode ser apropriada e discutida pelos indivíduos ganhando vários significados.

1.2 O fotojornalismo como criação do real

No artigo *O Acontecimento*, Adriano Duarte Rodrigues (1999) discute o papel do jornalismo na contemporaneidade e conceitua o que seria o acontecimento. Para o autor, na era moderna, os mitos são destituídos, gerando um vazio na sociedade. Para suprir esta lacuna, o discurso dos media surgem como forma de organizar a vida social, extraindo fragmentos de uma realidade caótica e sem lógica. Mas o discurso midiático apresenta-se como um discurso organizado, funcionando como algo mitificador para o público.

Rodrigues (1999) argumenta que nem tudo que aparece na história entre os diversos fatos aleatórios pode ser considerado acontecimento. Para o autor, maior será o status

do acontecimento, quanto menor for a possibilidade e previsibilidade dele acontecer. Por isso, o fato quando se torna acontecimento tem maior possibilidade de virar notícia.

A noticiabilidade dos fatos, segundo Rodrigues (1999), pode ser registrada de várias maneiras. O registro do excesso acontece quando um determinado grupo age excessivamente para desempenhar funções normais. O da falha, quando há um defeito ou insuficiência no funcionamento comum dos acontecimentos. Este tipo, pode ocorrer por falha humana ou mecânica. Há também o registro por inversão de situações normais. O maior exemplo deste tipo de registro é aquele em que o homem morde o cachorro.

Os acontecimentos são sempre imprevisíveis, inesperados e seu próprio discurso é também um acontecimento de relevância, a partir do momento em que há possibilidade de ser visto por um grande número de pessoas. Isso é o meta-acontecimento. “O que torna o discurso jornalístico fonte de acontecimentos notáveis é o facto de ele próprio ser dispositivo de notabilidade, verdadeiro *deus ex machina*, mundo da experiência autônomo das restantes experiências do mundo” (RODRIGUES, 1999, p 29).

A definição dos critérios de noticiabilidade apontados por Rodrigues podem ser relacionados aos critérios utilizados, também, na definição do que é acontecimento do ponto de vista do fotojornalismo. As fotografias usadas nas matérias jornalísticas têm um teor informativo, mas não são meras reproduções da realidade. São recortes do real, feitos pelo repórter fotográfico, além de passar por um processo de seleção e edição, relacionado ao texto da matéria. Isso confirma a tese de Berger e Luckmann da linguagem – no caso a linguagem fotográfica – como forma de construir a realidade. Basta ver a diferença entre as fotografias sobre matérias policiais publicadas no *Estado de Minas* e no *Diário da Tarde* que são da mesma empresa, mas que têm públicos diferenciados.

Ao propor uma análise sobre fotojornalismo, é importante remeter à discussão sobre o papel das imagens que têm se proliferado na era moderna. Segundo Vilém Flusser

(1985), as imagens têm a função de representar o mundo, mas hoje os homens se esquecem disso e passam a inverter essa função. Isso se chama idolatria. A escrita surgiu com o propósito de transcodificar o tempo circular (imagem) em linear. Portanto, a função dos textos é explicar as imagens.

Imagem técnica é aquela produzida por aparelhos. São produtos indiretos de textos. Quem observa, confia nas imagens técnicas tanto quanto confia em seus olhos. Assim, elas eliminam os textos causando conseqüências perigosas. Elas são tão simbólicas quanto qualquer outra imagem, apesar da sua aparente objetividade. As imagens técnicas codificam textos em imagens. O que vemos a partir delas são conceitos relativos ao mundo.

As fotografias mostram ao observador visões de mundo. Enquanto as pinturas revelam idéias, as fotografias revelam conceitos. Todos os elementos da imagem, assim como as cores, são conceitos transcodificados que pretendem ser impressões automáticas do mundo lá fora. A intenção do fotógrafo é eternizar seus conceitos em forma de imagens acessíveis aos outros.

Os gestos de um fotógrafo podem ser comparados aos de um caçador. A diferença está em seu local de trabalho. O fotógrafo trabalha na floresta densa da cultura. Ele precisa antes de fotografar, conceber sua intenção estética, política, etc. Isso porque necessita saber o que está fazendo ao manipular o aparelho. A função do fotógrafo é realizar cenas informativas jamais vistas.

Boris Kossoy (2000), no livro *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*, argumenta que a fotografia sempre foi aceita e utilizada como prova definitiva dos fatos e graças à sua capacidade de registrar aspectos do real, que ela ganha credibilidade.

As diferentes ideologias, onde quer que atuem, sempre tiveram na imagem fotográfica um poderoso instrumento para a veiculação das idéias e da conseqüente formação e manipulação da opinião pública, particularmente, a partir do momento em que os avanços tecnológicos da indústria gráfica

possibilitaram a multiplicação massiva de imagens através dos meios de informação e divulgação (KOSSOY, 2000. pg. 20).

Kossoy argumenta que isso só é possível devido á credibilidade que as imagens possuem junto á massa que as vêem e aceitam como expressão da verdade. O que é comprovado pela larga utilização da fotografia política e dos preconceitos raciais e religiosos.

Para Kossoy, deve-se considerar as imagens fotográficas como fontes de informações históricas. Assim, elas não podem ser imediatamente aceitas como espelhos fiéis dos fatos. Da mesma forma que os demais documentos, elas possuem ambigüidades. Seu caráter informativo só pode ser alcançado com a decifração de seus fragmentos, contextualizados na trama histórica, e seus desdobramentos sociais, políticos, econômicos, religiosos, artísticos etc. De outra maneira, estas imagens serão apenas ilustrações artísticas do passado.

A realidade própria da fotografia, segundo o autor, não corresponde á realidade que envolveu o objeto de registro. Ela é a segunda realidade, realidade do documento e da representação, construída e codificada. Apesar de todas essas características, a imagem fotográfica é fixa e muitas vezes a imprensa ou grupos interessados atribuem determinados significados com propósito de criarem realidades e verdades. Por isso, cabe aos especialistas e historiadores a tarefa de decifrar a realidade interior.

Nesse processo de construção da realidade, Kossoy destaca que alguns aspectos, como o assunto que é objeto de registro, a tecnologia que viabiliza tecnicamente o registro e o fotógrafo, são componentes que tornam possível a fotografia. Toda fotografia possui um específico espaço e tempo. Tal processo subentende um contexto histórico específico em seus desdobramentos sociais, econômicos, culturais, etc. “A fotografia resulta de uma sucessão de fatos fotográficos que têm seu desenrolar no interior daquele contexto. Ela registra, por outro lado, um microaspecto do mesmo contexto” (KOSSOY, 2000. pg. 26).

Para que a imagem se torne um documento, o processo de criação do fotógrafo reúne a aventura estética, cultural e técnica. Kossoy explica que, antes ou depois de ser criada, a representação fotográfica está envolvida em uma trama. Somente desmontando seus elementos constitutivos é que podemos compreendê-la. A imagem fotográfica possui elementos materiais que são os recursos técnicos, ópticos, químicos ou eletrônicos e os elementos imateriais (mentais e culturais) que se sobrepõem aos primeiros, porque se articulam na mente e nas ações do fotógrafo.

O fotógrafo, conforme esclarece o autor, utiliza-se de algumas opções para fazer uma foto. São elas a seleção do assunto, dos equipamentos, do enquadramento do assunto, do momento, dos materiais e produtos para o processamento do filme negativo ou positivo e a seleção de possibilidades destinadas a produzir determinada atmosfera na imagem final, chamadas de interferências diretas na imagem.

Ao explicar como a fotografia produz uma segunda realidade, Kossoy argumenta que, a partir de um determinado assunto, o fotógrafo produz a imagem em função de seu repertório pessoal e de seus filtros individuais. Assim, a imagem fotográfica é uma representação do processo de criação e construção do fotógrafo. Portanto a possibilidade do fotógrafo interferir na imagem sempre existiu.

Depois de tudo o que já foi falado, Kossoy diz que a fotografia pode ser considerada como uma representação a partir do real, mas que por causa da materialidade do registro, podemos também vê-la como um documento histórico do real. “A imagem fotográfica fornece provas, indícios, funciona sempre como documento iconográfico acerca de uma dada realidade. Trata-se de um testemunho que contém evidências sobre algo (KOSSOY, 2000, p. 33).

Kossoy afirma que a primeira realidade é o próprio passado, e a realidade do assunto em si. Ela diz respeito a história particular deste assunto, independentemente do contexto deste assunto no momento do seu registro. Toda fotografia possui oculta e

internamente a sua realidade interior. Ela é abrangente e complexa, invisível fotograficamente e inacessível fisicamente e se confunde com a primeira realidade. No curto espaço de tempo em que a imagem é gerada, ela é parte da primeira realidade. Depois da obtenção da fotografia, aparece uma outra realidade: a segunda realidade, que é a realidade do assunto representado. Toda e qualquer fotografia que vemos será sempre uma segunda realidade. Está nas diferentes leituras, nas múltiplas interpretações que cada receptor faz que reside a realidade da fotografia.

O processo de construção da representação é a produção da obra fotográfica por parte do fotógrafo. Já o processo de construção da interpretação é a recepção da obra por parte dos seus receptores e suas variadas leituras. Será a partir destes dois processos e a desmontagem deles que haverá margem para o processo de construção de realidades.

Apesar de toda a credibilidade da obra fotográfica, ela sempre resulta de um somatório de construções e montagens. É na construção do signo e da representação que uma nova realidade é criada pelo fotógrafo. Kossoy diz que devemos considerar que “o assunto uma vez representado na imagem é um novo real: interpretado e idealizado”. ((KOSSOY, 2000, p. 37).

2 Imagens da violência no jornalismo de cunho sensacionalista

2.1 A pulsão de morte – agressividade e o sensacionalismo

Para Freud (1997), no texto *O mal estar da civilização*, a descoberta da instância inconsciente na estrutura do indivíduo humano, representa a quebra da ilusão do predomínio universal da razão humana ou, na melhor das hipóteses, que esta é centrada em bases não tão sólidas como se imaginava.

Em sua obra, Freud descreve a estrutura psíquica dividida em três aspectos. O primeiro refere-se ao ID ou às pulsões e aos instintos – a parte animal do ser humano, como instinto de fome, de sede. Entre as pulsões, o autor destaca as duas que são contraditórias e que movem o ser humano – a pulsão de vida (eros, amor, sexualidade) versus a pulsão de morte (tanatos, agressividade, morte). Segundo o autor, daí a polêmica da psicanálise, o ser humano já nasce com pulsões sexuais e agressivas latentes. O segundo aspecto refere-se ao ego, que constitui a personalidade do indivíduo, o equilíbrio estabelecido entre as pulsões e o superego – terceiro aspecto – que diz respeito às normas sociais e culturais impostas para controlar os instintos do homem.

Além disso, o autor descreve como se desenvolve o Eu no ser humano. Que quando ainda somos criança o primeiro objeto que nos faz distinguir o eu do mundo externo é o seio materno e que este é para nós uma fonte de prazer. Portanto, surge aí o princípio do prazer, a nossa incansável busca pelo prazer e a tendência a nos isolarmos daquilo que nos causa desprazer. Já o princípio de realidade é a capacidade do ser humano construir defesas que o protejam dos desprazeres de que o mundo externo o ameaça.

É através do pensamento voltado para a revolucionária concepção do Eu desenvolvida na psicanálise, tomando como provocação a questão da religião, que Freud

inicia seu ensaio sobre a civilização e a humanidade. Para ele, o esforço que o homem faz para obter felicidade é o propósito que o move diante da vida. O que define o propósito da vida é o princípio do prazer. Mas Freud reconhece que este objetivo jamais será satisfatoriamente alcançado. O sofrimento persegue o homem através de três fontes: a decadência e dissolução do corpo humano; as forças destruidoras e poderosas do mundo externo e o mais penoso de todos, o sofrimento decorrente do relacionamento com outros seres humanos.

Desta forma e diante dessas dificuldades, o homem se vê obrigado a moderar suas expectativas, domesticando o princípio do prazer. Apesar disso, Freud, ainda, afirma que nunca abandonamos os esforços de conseguir aproximarmos da consecução dos nossos desejos. Freud dá início a uma reflexão sobre as relações sociais, mostrando que o princípio do prazer e o princípio da realidade são duas forças que movem e moldam o ser humano na sua relação com o mundo externo. A esta reflexão, ele dá o nome de “a fonte social do sofrimento”.

Freud coloca a civilização e a cultura como um impedimento à conquista da felicidade, por causa das regras e limitações que elas impõem aos homens. Já as relações sociais são vistas por Freud como aspectos que caracterizam a civilização. Segundo Freud, o primeiro momento da civilização é aquele onde se deu o início da regulação dos relacionamentos sociais. O momento de passagem do estado de natureza para o estado de sociedade.

Caso não houvesse essa tentativa de regulação dos relacionamentos, os homens mais fortes resolveriam todas as questões de acordo com a sua vontade e os mais fracos teriam que obedecer. Com a civilização, a vontade da maioria forte prevalece sobre os indivíduos isolados. Para Freud, antes os homens possuíam uma liberdade ilimitada, mas estavam sujeitos a encontrar homens mais fortes e com objetivos contrários aos seus, com a

civilização. Eles estão seguros pela estado de sociedade, mas em contrapartida sua felicidade é diminuída. Isso explica o fato do homem estar sempre em conflito com a civilização e reconhece cada revolução ou impacto como uma tentativa de externar esta inquietação, fazendo com que a civilização evolua.

Para o autor, o desenvolvimento cultural tem origem na sublimação das pulsões humanas. Para ele, os preceitos do tabu constituíram a primeiro direito ou lei. Assim, o poder do amor e a compulsão pelo trabalho tornaram-se os pais da civilização humana. Para Freud, o amor que atrai os seres humanos tem como finalidade a realização sexual, e a libido é uma força que visa unir todos os homens em comunidades. A agressividade é outro aspecto da constituição humana tão forte e poderoso quanto a sexualidade, tornando-se parte fundamental e inalienável da natureza humana.

Para Freud, os homens não são criaturas gentis que querem ser amadas e que, só se defendem quando atacadas. Para ele, os homens são criaturas que possuem uma grande cota de agressividade. O maior desafio da civilização tem sido o controle e a regulação desta agressividade e a ética e a religião são exemplos de esforços coibitivos. Para Freud, a civilização funda-se na medida em que constrói esta capacidade de regular e impor restrições á sexualidade e á agressividade, os dois impulsos que movem o homem na busca incessante do prazer. Nesse sentido, para o autor, o homem civilizado trocou a parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança.

Freud questiona qual o mecanismo utilizado pela civilização para inibir a agressividade humana. Ao estudar a história do desenvolvimento da humanidade, o autor chega á conclusão de que o homem possui uma forma de consciência, o supereu, que vigia e orienta essa agressividade em forma de punição do Eu. É o chamado sentimento de culpa. Quando o homem se sente ameaçado ou sofre por alguma adversidade externa, eleva-se as exigências de sua consciência, promovendo sua autopunição.

As contribuições da psicanálise sobre a pulsão de morte são importantes para a compreensão dos mecanismos acionados pelo jornalismo sensacionalista, que será melhor discutido a partir do trabalho de Danilo Angrimani (1994) que recorre á visão freudiana para analisar jornais sensacionalistas.

2.2 A mídia e as representações simbólicas da violência

Ao estabelecer uma discussão sobre mídia e as representações simbólicas da violência, Elizabeth Rondelli (2000), no artigo *Imagens da violência e práticas discursivas* apresenta considerações pertinentes sobre a forma que os meios de comunicação tratam a questão da violência. Rondelli diz que a mídia, na sua condição de macrotestemunha privilegiada, passa a ser ator social dos fatos. Ela não só atribui sentidos próprios aos atos de violência, como expõem os fatos a outros atores sociais, quando os levam ao conhecimento público. Assim, a violência e suas imagens têm o poder de convocar sujeitos em direção a alguma ação social. Quando a mídia divulga, sensacionaliza, espetaculariza, ou banaliza a violência, está induzindo e atribuindo sentido aos atos violentos. As imagens violentas são tão fortes que fazem com que atos “erráticos” da violência se amplifiquem e se estendam á discussão no espaço público.

Segundo a autora, nas últimas décadas, o aumento de episódios de violência fez com que o noticiário sobre esse assunto ganhasse destaque de maneira generalizada em todos os meios de comunicação. No Brasil, pouco se discute sobre a influência que os programas de conteúdo violento causam nos telespectadores. Diferente do que se vê nos filmes e programas ficcionais, que mostram crimes passionais, exóticos, que envolvem pessoas famosas, *serial killers*, o que vemos nos telejornais é a violência real, cotidiana, corriqueira e banal, além da policial, praticada, muitas vezes, de forma ilegal e ilegítima.

As imagens da violência retratada nos telejornais mostram a desigualdade social existente no país e, desta forma, aparecem como um fenômeno da agressão física. Elas revelam não só o isolamento dos setores sociais neles envolvidos, como também a impotência da sociedade em resolver seus conflitos. Compreender a mídia é um modo de estudar a violência, pois quando a mídia divulga, espetaculariza, sensacionaliza ou banaliza os atos violentos, está atribuindo-lhes sentidos que induziram às práticas referidas à violência.

Algumas pesquisas sugerem que os programas de ficção e de entretenimento cultivam um sentido perigoso e de vulnerabilidade que induzem não só a agressão, mas também à exploração e repressão. Isso tudo tornaria as pessoas mais temerosas, dependentes, facilmente manipuláveis e orientáveis a posturas rígidas no campo religioso e político.

A violência é mobilizadora e fundadora: expressa conflitos e dá visibilidade a questões sociais ou políticas latentes, provoca a produção de sentido em diversas instâncias discursivas e aciona práticas institucionais e políticas. Assim, as imagens televisivas operam, sobretudo como macrotestemunhas privilegiadas dos acontecimentos devido ao poder de visão para conferir a veracidade dos fatos, episódios ou fenômenos da violência.

O poder das imagens, conforme esclarece a autora, é fazer com que os atos de violência estendam-se à discussão no espaço público. A mídia tem um papel importante na produção de sentido exercida sobre a violência, pois, ao oferecê-la à exibição pública, convoca os demais atores a se pronunciarem e a estabelecerem juízos de valor sobre ela e a construir uma opinião coletiva, um certo consenso social. Desta forma, a mídia se coloca como dispositivo que pauta a violência na agenda diária da constituição dos discursos e/ou dos sujeitos sociais.

No livro *Cultura de Massa no século XX*, Edgar Morin (1997) afirma que a receita de Hollywood é uma moça e um revólver. De um lado o erotismo, o amor, a felicidade e de outro, a agressão, o homicídio, a aventura. Dois temas que possuem valores femininos e viris.

Temas aventureiros e homicidas, não se realizam na vida e por isso devem ser discutidos projetivamente. Já os temas amorosos possuem ligação com as experiências vividas, por isso são distribuídos identificativamente. A polaridade positiva da cultura de massa é constituída pelos temas femininos e a negativa constituída pelos temas viris.

As aventuras cinematográficas respondem à mediocridade das existências reais.

A vida não é apenas mais intensa na cultura de massa. Ela é outra. Nossas vidas quotidianas estão submetidas á lei. Nossos instintos são reprimidos. Nossos desejos são censurados. Nossos medos são camuflados, adormecidos. Mas a vida dos filmes, dos romances, do sensacionalismo é aquela em que a lei é enfrentada, dominada ou ignorada, em que o desejo logo se torna amor vitorioso, em que os instintos se tornam violências, golpes, homicídios, em que os medos se tornam suspenses, angústias. É a vida que conhece a liberdade, não a liberdade política, mas a liberdade antropológica, na qual o homem não está mais á mercê da norma social: a lei (MORIN, 1997, p. 111).

Na cultura de massa, essa liberdade se exerce acima, fora ou abaixo da lei social. Os reis, chefes, ricos e olímpianos escapam desta vida quotidiana. A liberdade extra está ligada á das viagens no tempo e no espaço. Está ligada ao mundo dos cavaleiros e mosqueteiros, dos heróis e justiceiros. A liberdade infra se exerce abaixo das leis. Este é um mundo da noite e talvez um dos mais significativos da cultura de massa. A gangue nos faz entrar num mundo sem lei e isso nos faz compreender a fascinação por ela e o papel dos submundos na cultura de massa.

O que diferencia a cultura de massa das outras é a exteriorização da violência que é mostrada na televisão, no cinema, nos jornais e livros. A imprensa da cultura de massa põe a disposição os fatos variados, que são os acontecimentos contingentes que só se justificam por seu valor emocional. A verdadeira natureza do homem é refletida através do sensacionalismo. Seus sonhos menos conscientes, sádicos e assassinos são realizados e vividos através do universo do crime.

Há uma diferença entre os fatos variados e os filmes. Os mortos das notícias sensacionalistas estão distantes dos leitores e por isso, é como se eles estivessem morrendo no lugar dos leitores. Existe menos identificação com o leitor no fato variado do que com o herói dos filmes. No cinema, o final feliz é providencial, já no fato variado há fatalidade, a morte se apropria tanto dos bons como dos maus.

O espetáculo da violência ao mesmo tempo incita e apazigua, mas há na nossa sociedade um setor crescente de descargas agressivas físicas: o esporte. Ele é a única saída concreta para o nosso instinto de combate. Mas é através dos filmes e das notícias sensacionalistas que a cultura de massa distrai nossas fúrias fundamentais.

2.3 Jornalismo sensacionalista

Ao discutir sobre a utilização do sensacionalismo na comunicação, Danilo Angrimani (1994), no livro *Espreme que sai sangue*, recorre ao trabalho de Freud para compreender a atração que matérias trágicas geram no público. O autor afirma que, quando um veículo é taxado de sensacionalista, junto às características de audacioso e irreverente, acrescenta-se a imprecisão, distorção, erro na apuração e editorial agressivo – características que podem ocorrer dentro de um jornal informativo comum.

Angrimani argumenta que o noticiário sensacionalista extrapola o real, o fato, tornando sua credibilidade discutível. Sua linguagem, coloquial e exagerada obriga o leitor a envolver-se emocionalmente com o texto.

Sobre a origem do sensacionalismo como gênero jornalístico, Angrimani afirma que parece ter se enraizado na imprensa desde seus primórdios. Verifica-se que o sensacionalismo está presente em países como a França e Estados Unidos, desde a origem da imprensa. No século XIX já faziam muito sucesso os Canards, jornais populares que possuíam

manchetes absurdas como: “Um crime abominável!! Um homem de 60 anos cortado em pedaços”, “Um crime sem precedentes!! Uma mulher queimada viva por seus filhos”. Angrimani fala da origem dos termos imprensa amarela e imprensa marrom, que são qualificados como sensacionalista e de credibilidade suspeita.

Para Rosa Pedroso, citado por Angrimani (1994), o *fait divers*, como informação auto-suficiente, traz, em sua estrutura imanente, uma carga suficiente de interesse humano, curiosidade, fantasia, impacto, raridade, humor, espetáculo, para causar uma tênue sensação de algo vivido no crime, no sexo e na morte. Alguns autores acreditam que o *fait divers* estimulou muitas obras da literatura e das artes plásticas. Há outros, como Monestier, citado por Angrimani, que confundem *fait divers* com sensacionalismo. Ele não vê diferença entre a forma narrativa e a notícia e afirma que o *fait divers* não pretende chegar á inteligência do leitor, mas lhe provocar reações subjetivas e passionais.

Angrimani explica que a linguagem sensacionalista é diferente da linguagem objetiva. Há dois tipos de linguagem empregados pela mídia: signo e clichê. O veículo sensacionalista só pode optar pela linguagem clichê. Na linguagem dos signos, o homem separa-se da emoção, pois os signos filtram as desgraças, os problemas e as dores reais. Já na linguagem dos clichês o homem se mistura a ela. O clichê retrata o emocional e o sensacionalismo busca o envolvimento. A linguagem editorial precisa chocar e causar impacto, sem moderação.

O sensacionalismo não se limita ao jornal impresso, ele também se estende para o telejornal e radiojornal. Na TV, as imagens e atitudes do repórter devem possuir um tom dramático. A edição deve ser feita como se fosse um capítulo de novela. No rádio, é importante que a notícia seja detalhada e o locutor deve possuir experiência para dramatizar o fato.

Os jornais sensacionalistas transformam a morte em seu assunto de capa e estímulo de vendas. Mas o que move uma pessoa a preferir o jornal sensacionalista a um outro mais sério, é a linguagem editorial (forma de destacar foto e texto) que irá separar o público exclusivo do jornal sensacionalista.

A valorização editorial da violência é uma das várias diferenças existentes entre o jornal sério e o sensacionalista. Uma das críticas mais comuns a este gênero jornalístico é que ele contribuiria para a reprodução da violência. Mas, ao dar ênfase ao fato violento, o jornal sensacionalista está, apenas, atendendo a um desejo específico de seu público. Enquanto nos demais informativos, a violência aparece através de editoriais agressivos, de fotos marcantes ou reportagens denunciadoras, no jornal sensacionalista, a violência faz parte da linguagem e da forma de edição.

No jornal sensacionalista, o homossexual é tratado de forma preconceituoso, marginalizante, ofensiva e retrógrada. Para Pedroso, citado por Angrimani (1994), o homossexual é visto como escandaloso, cômico, provocador, perturbador e agressivo. São vistos desta forma porque fogem a regra da sexualidade oficializada. Para a psicanálise, desde seu início, o homossexualismo é uma opção sexual. Freud recusa-se a admitir que os homossexuais sejam considerados como degenerados.

O jornal sensacionalista deixa prevalecer a moral. O tratamento editorial dado ao homossexualismo vítima de um crime é o da inversão. Como minoritário ele afronta a moral da maioria e portanto, será alvo da edição sensacionalista e discriminatória.

Angrimani, ao discutir o sensacionalismo, remete também à discussão de fetiche, elaborada por Karl Marx. Fetiche tem origem portuguesa, “fetisso” que significa objeto encantado. Para a psicanálise, ele significa “fascinação obsessiva”. Krafft-Ebing afirmava que o fetichismo erótico se forma na acentuação libidinosa da representação das diversas partes do corpo, das qualidades das roupas do outro sexo, ou somente os materiais dos tecidos dos quais

o outro sexo costuma se trajar. O autor, citado por Angrimani, ainda chamava a atenção para o elemento patológico do fetichista que não considera o coito como alvo real de seu prazer. A exemplo de Krafft, Freud, na obra “Três ensaios para uma Teoria Sexual”, citado por Angrimani (1994), explica que o caso patológico do fetiche surgia quando o desejo se fixava na condição de fetiche, ou quando o fetiche se separa da pessoa determinada e se torna por si mesmo o único fim sexual.

O fetiche, segundo Angrimani, serve como argumento de venda no jornal sensacionalista. A mulher que vem na capa do jornal sob uma cobertura de símbolos fálicos (lingerie, sapatos de salto e adereços) engendra uma inversão perversa: está numa posição de idolatria.

Outro mecanismo acionado pelo sensacionalismo, segundo Angrimani, é o *voyeurismo*. *Voyeur* é um termo francês que significa aquele que olha, que assiste a circunstâncias consideradas curiosas e, muitas vezes, de cunho erótico ou agressivo. No jornal sensacionalista, existe o vínculo entre exibicionismo (corpo/revelado) e o *voyeurismo* (leitor que se excita)

Ainda, recorrendo á psicanálise, Angrimani afirma que, nas relações sadomasoquistas, só existe prazer sexual quando acompanhado de tortura, para encontrar satisfação o protagonista sadeano precisa matar, estuprar e corromper. O masoquismo é o contrário de sadismo, “tem por base a representação, a marca de prazer, ao suportar as ofensas e os maus tratos do parceiro e de ser inteiramente submetido a sue poder” (SACHER-MASOCH, *apud* ANGRIMANI, 1994, p 53).

O jornal sensacionalista, segundo Angrimani, trabalha com forma explícitas de sadomasoquismo. No papel de superego sádico, o jornal age como educador de seus leitores, proibindo e castigando, mas também o faz com propósitos cruéis: humilhação, domínio e uma perspectiva de quem quer ferir e causar dor.

A cor da morte é um trabalho de um dos pesquisadores do Monitor de Mídia, Rogério Kreidlow (2004), que analisa os impactos que uma fotografia publicada em veículo impresso de grande circulação, causa sobre o espectador. Rogério enfatiza que geralmente essas fotografias aparecem na primeira dobra do jornal *standard*, ocupando aproximadamente três colunas e são quase sempre coloridas. Esse destaque possui uma relevância crucial, já que neste caso a fotografia se trata de uma manchete, o que acaba dizendo mais e de maneira mais rápida que qualquer mensagem textual.

Kreidlow ainda mostra a importância na decisão ética de se publicar ou não uma foto e que essa decisão deve ser tomada pelos editores de fotografia, editores-chefes e, em último caso, pela diretoria do veículo de comunicação. A margem entre o dever de informar e o sensacionalismo é quase imperceptível, daí a relevância da ética pessoal do fotógrafo.

O sangue é analisado, aqui neste estudo, de maneira interessante e nos lembra das razões de sua insistente veiculação. A cor vermelha destaca-se dentre as demais. O sangue é o elemento que mais causa efeitos negativos nas imagens, porque ele está associado à ideia de morte (de maneira violenta). A área da psicologia que estuda as cores pode explicar a essa ligação relevante. Esse estudo mostra que o vermelho prevalece sobre outras tonalidades por sua quenteza, sua força. Ele é a cor de maior predominância aos nossos olhos, mas ao mesmo tempo, é a que menos agüentamos contemplar, dada sua intensidade e agressividade. Ele mostra que mesmo se não houve morte, houve ferimentos graves.

O verdadeiro fotojornalismo não monta cenários e nem seqüências fotográficas que remetem o leitor a um pressuposto histórico, ao contrário, ele procura registrar e tornar público os instantes que são significativos dos acontecimentos. Partindo de uma concepção ética sobre o jornalismo, argumenta-se que, mesmo usando dor e morte, o fotojornalismo não deve ser um espetáculo sensacional. Ele deve, sim, proporcionar ao leitor um minuto de silêncio e reflexão em meio ao mundo conturbado em que vivemos.

Partindo de uma concepção frankfurtiana, Ciro Marcondes Filho (1986), no livro *O capital da notícia* articula a idéia de sensacionalismo com o caráter mercadológico que a imprensa adquiriu principalmente no século XX.¹ O autor afirma que o jornal aparece com o desenvolvimento da economia de mercado e suas leis. Ele surge, em sua fase artesanal, como instrumento do capitalismo, com intuito de trazer informação sobre a movimentação de capital no circuito comercial, as importações e exportações. Somente o clero e aqueles que possuíam capital para adquirir a mercadoria, tinham acesso ao jornal, que dava exclusividade aos núcleos de poder político e financeiro.

Foi no século XVII que o jornal começou a assumir caráter diário, fazendo a integração do público que estava interessado na situação macroeconômica e acompanhando o desenvolvimento e expansão da burguesia como classe social. Desta forma, o jornal era instrumento de afirmação política.

A imprensa vai se moldando capitalista, quando se estabelece seu poder. As transformações do jornalismo não foram orientadas pelas necessidades da burguesia, mas pelas descobertas dos novos meios de comunicação.

O advento da imprensa simboliza a ruptura com a forma segregada de armazenar informação [...] o jornalista, opostamente, socializa esse saber, dissemina-o na sociedade. Ele é artífice da desmontagem dos mitos secularizados. A questão é que tal função não se dá por motivos “democratizantes”, mas sim, puramente comerciais (MARCONDES FILHO, 1986, p. 60).

Com objetivo de alcançar mais lucro, a venda de notícias foi crescendo e isso fez com que cada vez mais os acontecimentos e as novidades se despissem de seu significado político para se transformar em mercadorias.

¹ A Escola de Frankfurt, como ficou conhecida, refere-se ao Instituto de Pesquisas Sociais, criado em 1923, em Frankfurt, na Alemanha. Os seus principais pensadores – Theodor Adorno, Max Horkheimer, Marcuse e Benjamim - ficaram conhecidos por elaborarem uma teoria apocalíptica sobre a sociedade moderna, em que a indústria cultural, gerada pela racionalidade do processo produtivo capitalista, teria o controle de todos os

Assim, moral e ética não são utilizados nesta reconstrução dos fatos que são desmontados pelo jornalista, tendo em vista que o jornalismo é composto de notícias-mercadoria. Desta forma, a primeira fase da imprensa não tinha a intenção de difundir cultura, mas sim de ser uma comunicação de negócios.

Já a imprensa de opinião, que aparece no final do séc. XVIII, é marcada pela linha do jornalismo literário e político. È aqui, nesta nova fase que a redação surge como ambiente de trabalho. É a época dos jornais eruditos e das revistas moralistas. A finalidade puramente econômica fica em segundo plano e a intenção é política-pedagógica. A imprensa a partir desta época tem caráter partidário, no qual os jornalistas são escritores e militantes políticos. Os jornais satisfaziam os interesses e necessidades dos grupos e levavam entretenimento e temas para discussão á burguesia.

Era intensa a luta político-ideológica, enquanto a proliferação de pasquins crescia, os outros setores da sociedade exerciam a comunicação de forma amadora. O século XIX é marcado pelas lutas sociais. As corporações, a imprensa, as instituições educacionais e culturais surgiam como reivindicação por algo que o capitalismo negava a elas. A liberdade de imprensa aparece na Alemanha na revolução de 1848. É nesta fase que se dá a maior revolução da história do jornalismo, que transformará os rumos e o caráter da imprensa política dos séculos XVIII e XIX em busca da produção de massa.

Surge aqui a empresa capitalista, já que a transformação tecnológica irá exigir da empresa jornalística capacidade financeira para sua auto-sustentação. Como passa a ser financiada pelos detentores de capital, a liberdade de expressão dos editores e jornalistas é suprimida. Agora, no poder a burguesia irá sufocar os jornais de menor circulação.

Na busca pelo lucro, a imprensa capitalista buscou se empenhar para melhorar seu produto, aprimorando sua aparência e lhe dando valor de uso. Com as novas técnicas de

produção a imprensa entretia e alcançava a grande massa, sensibilizando-a com os discursos que se relacionavam com as movimentações sociais. É nesta ocasião que surgem as manchetes, os destaques e a estrutura conhecida nos dias de hoje.

O jornal deve vender-se pela sua aparência. O que vai diferenciar um jornal dito “sensacionalista” de outro dito “sério” é somente o grau. Sensacionalismo é apenas o grau mais radical de mercantilização de informação: tudo que se vende é aparência e, na verdade, vende-se aquilo que a informação interna não irá desenvolver melhor do que a manchete (MARCONDES FILHO, 1986, p. 66).

Enquanto o jornal “sério” usa de forma implícita as carências psíquicas dos homens, ressaltando e enaltecendo com emoção o fato ocorrido, o jornal “sensacionalista” apela para elas.

Para Marcondes Filho, a imprensa sensacionalista

não se presta a informar, muito menos a formar. Presta-se básica e fundamentalmente a satisfazer as necessidades instintivas do público, por meio de formas sádica, caluniadora e ridicularizadora das pessoas. Por isso, a imprensa sensacionalista, como a televisão, o papo no bar, o jogo de futebol, servem mais para desviar o público de sua realidade imediata do que para voltar-se a ela, mesmo que fosse para fazê-lo adaptar-se a ela (MARCONDES FILHO, 1986. p. 32).

Na terceira fase do jornalismo, a Imprensa de Negócios, a venda de publicidade é vista como prioridade para assegurar a saúde econômica do jornal. Essa necessidade de sustentação do jornal fez com que essa dependência econômica fosse maior que os interesses políticos. É quando a estrutura física e intelectual do jornal se altera, a linha editorial passa a ser a comercial, o redator perde autonomia e o editor passa a distribuir matérias e escolher o título das mesmas.

É no final do século XIX que ocorre a consolidação desta terceira fase do jornalismo, quando também se formam os grandes grupos detentores da indústria de

informação. Agora as agências de notícias são utilizadas e o monopólio de informação começa a colocar a soberania do Estado em risco, e por isso este passa a intervir e deter a expansão privada dos meios de comunicação. É quando “de indústria da cultura, os meios de comunicação de “massa” tornam-se efetivamente indústria da consciência” (MARCONDES FILHO, 1986, p. 68).

No século XX, com a mudança do papel do Estado na economia, a imprensa sofreu algumas transformações. Muitas vezes a imprensa foi silenciada e controlada pelo Estado. Esta situação faz com que ocorra uma concentração jornalística, prejudicando os pequenos veículos, por terem uma menor circulação e publicidade que os grandes. Além deste controle publicitário, o grupo de comunicação dominante, contrata os profissionais dos pequenos jornais e os fazem dependentes tecnicamente, já que estes detêm o caro maquinário para impressão.

O crescimento do monopólio das comunicações e a concentração da informação, acarreta também no monopólio de ideologias, já que a morte de pequenos jornais, significa a morte de opiniões divergentes das idéias dominantes. O que acontece é a variedade nos jornais e não a variedade de jornais. Os jornais se pautam sempre dos mesmos acontecimentos ou uns pelos outros e as pessoas se pautam por ela num fenômeno chamado agenda setting, que é a hipótese pela qual a mídia, determina os temas das discussões rotineiras do público.

A quarta fase do jornalismo refere-se à imprensa na era eletrônica, em que há uma nova forma de produção e leitura do jornalismo. As redações tiveram que diferenciar seu produto, de forma opinativa e interpretativa de escrever os textos, para garantir sua sobrevivência, já que estavam concorrendo com as inovações tecnológicas. Essa era tecnológica trouxe para a realidade, textos pobres ficam em segundo lugar na escala de relevância, pois agora o visual é que possui prioridade e importância.

Entretanto, há autores que vêem a natureza da informação como uma natureza sensacionalista, mesmo que permeada por princípios éticos. É o caso de Elcias Lustosa (1996), que em *O texto da notícia*, afirma que notícia é a princípio uma informação. Uma maneira particular de descrever um fato ou uma realidade. É particular porque é a visão parcial do narrador, que no caso é o jornalista. Para o autor, o jornalista “é aquele cidadão que sabe de tudo e não conhece nada”. Lustosa ainda fala que notícia passa a ser uma parte do fenômeno social, mas como relato e não como reprodução do real. Para que um acontecimento seja caracterizado como notícia, é preciso que ele possua como atributos a atualidade, veracidade, seja de interesse humano e tenha amplo raio de influência, mas ele frisa que o texto ou a maneira como se conta possui mais importância que o próprio fato.

Para Lustosa, a narração de um fato exige um tratamento sensacionalista para que a notícia gere interesse no leitor. Virginia Bicudo, citada por Lustosa, diz que o sensacionalismo “é uma forma de comunicação que apela às emoções primitivas por meio da apresentação de fotos que têm características incomuns, místicas ou sádicas, idealísticas ou monstruosas, fatos que são ao mesmo tempo desejados, temidos e repelidos” (LUSTOSA, 1996, p.32).

É bom lembrar que diferentemente dos repórteres de rádio e televisão que se portam como autor-ator das notícias, o jornalista que produz o texto informativo, aparentemente só transmite a notícia sem se envolver, buscando um distanciamento do ocorrido, mostrando a neutralidade do veículo.

O homem busca ver nos jornais o mesmo que ele assiste nas cenas dos filmes de ficção, nas novelas ou seriados. Os textos de jornais são verdadeiros espetáculos. Assim, a informação irá se tornar um produto, o jornalista precisa vender sua informação como um anúncio publicitário. Se não for espetáculo, a notícia não merece ser publicada porque não

tem valor e isso não vende jornal. Para Lustosa, na matéria policial a característica do sensacionalismo é ainda mais destacada.

3 As imagens da violência no *Diário da Tarde*

3.1 Metodologia de análise

Como a proposta da pesquisa é investigar que tipo de representações da violência são construídas pelo jornal *Diário da Tarde* a partir da análise do fotojornalismo, como primeiro passo do trabalho foi feita a pesquisa bibliográfica, articulando discussões sobre a linguagem, a construção social da realidade, a fotografia, a violência e o sensacionalismo na mídia.

Com base nesta argumentação teórica e conceitual, partiu-se para a análise de conteúdo do material coletado. A pesquisa documental incluiu a seleção de 26 fotografias divulgadas nas páginas policiais do *Diário da Tarde* na semana de 04 a 10 de outubro de 2004. Feito o recorte do material, tem-se uma análise descritiva das fotografias a partir de uma categorização dos personagens: "os criminosos presos", "os criminosos mortos", "os criminosos de elite", "os policiais como agentes da ordem", "as vítimas".

Depois de realizar esta análise descritiva com esta categorização, desenvolveu-se uma análise de conteúdo sobre o "mundo do crime construído pelo jornal *Diário da Tarde*", a partir das seguintes categorias analíticas: (a) criminosos X policiais, (b) a linguagem sensacionalista, (c) a utilização dos meios técnicos e o contrato de leitura com o público, (d) o fotojornalismo como construção do real, (e) representações sociais da violência. Nesta análise de conteúdo, foi possível resgatar os conceitos e articular com as evidências empíricas.

3.2 *Diário da Tarde*

O jornal *Diário da Tarde* faz parte do grupo Diários Associados, fundado por Assis Chateaubriand em 1923. São cinco veículos de comunicação que compõem o grupo em

Minas Gerais: o jornal *Estado de Minas*, o jornal *Diário da Tarde*, a *TV alterosa*, a *Rádio Guarani FM* e o portal de Internet *UAI*.

A primeira edição do *Diário da Tarde* só tinha quatro páginas e foi para as bancas no dia 14 de fevereiro de 1931. Era um jornal vespertino com tendência mais popular, descontraída e cobria os acontecimentos de maior impacto na capital durante todos os dias da semana. A proposta era inovar e trouxe nesta edição a cobertura completa do carnaval. Como os diretores dos Associados queriam uma inovação na linha editorial e gráfica, e achavam perigoso e arriscado aplicarem no conservador *Estado de Minas*, usaram o *Diário da Tarde*. A partir daí, o *Diário da Tarde* se mostrou dinâmico e ousado, além de ser pioneiro nas reformas gráficas que os Diários Associados promovem.

O *Diário da Tarde* foi criado para acompanhar o dia-a-dia de Belo Horizonte porque seu criador, Newton Prates, via seu jornal como denunciador dos problemas da cidade, cobrando das autoridades as providências necessárias, além do veículo ser mobilizador da população para que ela própria resolvesse alguns problemas.

Algumas inovações contribuíram para que o *Diário da Tarde* assumisse na década de 50 o segundo lugar de vendas no estado: ele foi o primeiro a trazer notícias internacionais em seu caderno, criou uma coluna de funcionalismo, criou os cadernos de economia e veículos, apresenta uma cobertura diferenciada para os assuntos relacionados a esporte, problemas locais e polícia, e criou o caderno Grande BH que apresentava os problemas da região metropolitana da capital que não parava de crescer.

Como trazia fotos grandes e manchetes de última hora, quase sempre policiais, o *Diário da Tarde* demandava muito tempo para ser rodado. Com o avanço tecnológico no processo de impressão gráfica, o jornal passaria a ter seis, oito ou doze páginas, nas edições da tarde. Na década de 70 optou-se por levar o jornal às bancas pela manhã, já que ele havia crescido e se tornado campeão avulso de vendas no Estado.

Hoje, o *Diário da Tarde* é muito diferente do antigo. Atualmente possui, em média, 28 páginas divididas em 9 editorias dispostas em 4 cadernos. Os destaques ainda são os mesmos, ou seja, as editorias de Esporte e Polícia quase sempre ganham a manchete de capa. O Diário de Tarde continua sendo o primeiro lugar de vendas avulsas no Estado e possui tiragem de 60 mil exemplares às segundas-feiras e 35 mil nos demais dias da semana.

A filosofia da redação do *Diário da Tarde* é a de que cada vez mais o jornal tenha fácil acesso, seja moderno e traga muita informação e prestação de serviço à comunidade. Esta pesquisa se justifica porque ele é um jornal de grande penetração popular e, além disso, violência é um assunto muito discutido e procurado pelo público em geral. O que pode ser comprovado pela fotógrafa norte-americana, Lil Junas, que realizou um estudo que comprova o poder que imagens violentas exercem sobre as pessoas. Segundo Junas, 56% das fotos ganhadoras do prêmio Pulitzer apresentavam imagens de tragédia e violência.

Talvez por causa dessa curiosidade mórbida a mídia vem explorando de forma obsessiva a violência urbana e cotidiana. Outro fator que dá importância a esta pesquisa é a banalização das imagens de morte e violência e sua exploração pelos meios de comunicação, além do fato da mídia possuir uma importante participação no quadro da violência estampado na sociedade brasileira. O que se justifica pela grande capacidade que ela possui de mobilização social, alcance e fascínio que causa na população.

O objeto deste estudo refere-se às fotos divulgadas no caderno policial do jornal *Diário da Tarde*, durante o período de 04 a 10 de outubro de 2004.

3.3 *Diário da Tarde*: os personagens do mundo do crime

Ao longo das edições analisadas do jornal *Diário da Tarde*, foram encontradas 26 fotografias nas matérias policiais, desde imagens de grande visibilidade até imagens que só

complementavam o texto. Na realização da análise de conteúdo, foi feita uma pré-análise para o conhecimento do material a ser investigado. Constatou-se a linha sensacionalista das fotos, o maniqueísmo criado entre a visão dos bem relacionados á polícia (os homens da lei) e a visão do mal (os criminosos), além de ser possível identificar que tipos de estereótipos são mais evidentes. Por isso, antes de desenvolver a análise de conteúdo, foi feita uma tipologia das fotografias inseridas na matérias policiais a partir do "personagem" - se referia-se a um "criminoso preso", a um "criminoso morto", a "polícia" ou a "vítimas".

3.3.1 Personagens Criminosos

Na categoria "Personagens criminosos", retratados nas fotografias das matérias policiais do *Diário do Tarde*, o veículo procura enfatizar como bandidos foram capturados. As fotos evidenciam bem que tipo de estereótipos são mostrados, de criminosos, que remetem a crimes factuais - *fait divers* - carregados por um tom sensacionalista – de acordo com a linha de Angrimani (1995) que discutiremos mais adiante. São os personagens de maior destaque e remetem a pessoas de baixa renda, o que demonstra como reforça a imagem de que o mundo do crime aparece no meio social menos favorecido.

3.3.1.1 "Os criminosos presos"

A matéria “Preso após assalto”, do dia 04 de outubro, segunda-feira, página 6, trata da prisão de Rafael da Silva Batista, após assaltar um posto localizado no bairro Calafate. Policiais o perseguiram e conseguiram pegá-lo quando tentava entrar em um carro com dois homens em seu interior. Quando foram interrogados, os policiais perceberam que os outros dois não sabiam das intenções de Rafael, que foi autuado em flagrante por roubo à mão

armada. A foto que ilustra a matéria mostra o acusado em *close*, ocupando a parte superior da página. A legenda diz: “Rafael da Silva Batista confessou o assalto ao ser preso por policiais civis”.

Na matéria “Preso quadrilha acusada de clonar cartões”, do dia 06 de outubro, quarta-feira, página 08, é relatado que policiais da delegacia especializada na Repressão a Crimes contra a Informática e Fraudes Eletrônicas (Dercife) tiraram de circulação uma quadrilha que clonava cartões bancários de clientes da Caixa Econômica Federal. A matéria ainda conta como os policiais chegaram aos suspeitos do crime. Há duas fotos ilustrando a matéria. A primeira delas retrata o material utilizado pela quadrilha, como algumas ferramentas e dois aparelhos eletrônicos. A outra mostra os três acusados assentados escondendo o rosto. A legenda para as duas fotos diz: "Ferramentas e aparelhagem eletrônica usadas para as clonagens dos cartões magnéticos foram apreendidas com os acusados (á direita)".

No dia 08 de outubro, sexta-feira, o *Diário da Tarde* traz a matéria “Acusados de assalto”, na página 7, que trata da prisão de um casal, o camelô Josiney César da Silva, 24 e a cabeleireira Regina Sodrê de Souza, 31, envolvidos em vários assaltos. Segundo a notícia, eles teriam seqüestrado o gerente da agência do Bradesco, no bairro Eldorado. Procurados há mais de três meses, os policiais conseguiram prendê-los no bairro Veneza, em Ribeirão das Neves. A matéria enfatiza que, "em poder da dupla", foram apreendidos um revólver calibre 38 e outro, Magnum 357, além de 23 cartuchos intactos do mesmo calibre, sendo seis do tipo hollow point, que estilhaça em contato com o alvo, aumentando seu poder de destruição, e dois celulares. Há duas fotos ilustrando a matéria. Uma mostra o rosto de Josiney César da Silva e a outra os objetos encontrados com os bandidos: as duas armas, as munições e dois celulares. A legenda diz: “em poder da dupla, além de munição, forma apreendidos dois revólveres.” As fotografias ganham grande destaque na página.

A matéria “Flagrados em sítio” do dia 08 de outubro, sexta-feira, página 8, fala sobre a prisão de dois homens identificados como Cleverton Silva de Oliveira, 20 e Jamilson Robson Andrade, 26. Foram encontrados pela polícia em um sítio no bairro Monte Verde, em Ribeirão das Neves, onde residiam, com um Fiat Tempra com queixa de furto, armas, dois coletes á prova de balas, munições de calibres variados e aproximadamente 100 buchas de maconha prontas para comercialização. Os dois foram conduzidos para a 7ª Seccional de Venda Nova e autuados por porte ilegal de armas e tráfico de drogas. A foto que ilustra a matéria mostra os dois homens com a cabeça abaixada. Ao fundo, está o carro encontrado com todos os objetos no capô. A legenda diz: “uma denúncia anônima levou policiais militares a Cleverton Silva e a Jamilson Robson Andrade. Com a dupla, foi apreendido um Fiat Tempra”. A fotografia ganha destaque na parte superior da página.

Na matéria “Armado e perigoso” do dia 09 de outubro, sábado, página 5, é relatada uma tentativa de assalto que terminou com uma das vítimas baleada na perna e outra com ferimentos na cabeça. A matéria ainda conta que o assaltante foi preso por um cabo da PM. A foto que ilustra a matéria mostra o assaltante sendo colocado dentro da viatura da PM por um policial. A legenda diz: “O assaltante, Alexandre Xavier da Silva, chegou a agredir a arquiteta com a arma para forçá-la a soltar a bolsa, mas como ela resistiu, o ladrão saiu correndo”. A fotografia ocupa o centro da página na parte superior.

A matéria “Assalto e corre-corre” do dia 09 de outubro, sábado, página 7, refere-se a dois assaltantes, entre eles um menor, que renderam e roubaram a bolsa de uma mulher, mas que eles foram perseguidos por dezenas de pessoas que os agrediram. Durante a perseguição, o menor disparou vários tiros em direção aos perseguidores e acabou atingindo um homem na coxa esquerda. Há duas fotos para ilustrar a matéria. Uma delas mostra o rosto em close de um dos assaltantes. A legenda diz: “Érico de Jesus Moreira pegou a bolsa, correu, mas foi perseguido e alcançado. A outra foto mostra a arma apreendida pela polícia. As

fotografias foram inseridas na parte superior da página. A legenda diz: “com os dois acusados, a polícia apreendeu a pistola utilizada para cometer o crime”.

3.3.1.2 "Os criminosos mortos"

A matéria “Executado em casa” do dia 04 de outubro, segunda-feira, página 7, fala sobre três criminosos do aglomerado da Serra que teriam matado uma pessoa e baleado outra no bairro São Francisco. Eles não se importaram com a presença das pessoas e bateram na casa da vítima e o balearam quando o mesmo veio atender a porta com seu filho. A foto que ilustra a matéria, localizada no centro da parte superior da página, mostra o corpo da vítima no chão e a presença de várias pessoas ao seu redor. Antes de fugir eles ainda executaram o rapaz que havia conduzido o grupo pela favela, com 14 tiros. A legenda diz: “segundo a polícia, Fábio de Oliveira foi assassinado com cerca de 14 tiros”.

No dia 06 de outubro, quarta-feira, na página 7, o jornal destaca a matéria “Corpos decapitados”, em que é relatado que foram encontrados quatro homens mortos a tiros em uma fazenda no subúrbio do rio. A matéria ainda fala que eles foram decapitados e suas cabeças deixadas em frente à estação do metrô. A polícia civil atribuiu a matança a uma guerra entre traficantes dos vizinhos, morro da Pedreira e o complexo de favelas de Acari. A foto, no quadrante superior esquerdo da página, que ilustra a matéria mostra dois carros da Defesa Civil e vários policiais perto de um deles que estava com o porta-malas aberto, dando a impressão de que os corpos estavam lá dentro. A legenda diz: “Os policiais não descartam a hipótese de a chacina ter sido provocada por uma disputa interna em duas favelas que, recentemente, tiveram seus líderes presos”.

3.3.1.3 "Prefeito sob suspeita - os criminosos de elite"

No dia 06 de outubro, quarta-feira, na página 08, o *Diário da Tarde* dá destaque, na matéria “Antério na rua”, ao habeas corpus que beneficiou o Prefeito de Unaí, acusado de participação no assassinato de três fiscais e de um motorista do ministério do trabalho ocorridos em janeiro. Na foto, localizada no quadrante superior da página, o prefeito algemado está sendo levado por um homem e vários curiosos, além da imprensa, estão atrás do prefeito. A legenda diz : “Tão logo saiu da Penitenciária, Nelson Hungria, em Contagem, o fazendeiro Antério Mânica (á esquerda) foi para um hotel de luxo na zona sul de BH.

A matéria “Nos braços do povo”, do dia 07 de outubro, quinta-feira, página 8, fala sobre a saída de Antério Mânica da prisão. Após passar 19 dias preso na Penitenciária Nelson Hungria, em Contagem, sob a acusação de ser um dos mandantes da execução de quatro funcionários do Ministério do Trabalho, o megaprodutor de feijão de Itaúna recebeu o habeas-corpus. Mesmo na prisão, Antério foi eleito prefeito de Unaí com 72% dos votos válidos. A foto que ilustra a matéria mostra Mânica acenando para o povo em cima de um caminhão. A legenda diz: “Após ser libertado e provocar insatisfação no ministério público, o megaprodutor de feijão viajou para sua cidade, onde foi recebido por seus parentes, amigos e eleitores. Agora ele só poderá ser julgado pelo Tribunal Regional Federal, em Brasília”.

3.3.2- Personagens de instituições Policiais

Ao analisar as matérias do *Diário da Tarde*, percebe-se que a polícia é uma das principais fontes e sempre aparece de uma forma muito positiva como personagens que estão a favor da defesa da lei e da ordem e contra o crime. A matéria “Revolta do tráfico”. do dia 05 de outubro, terça-feira, página 6, fala que dois ônibus foram incendiados e outro totalmente

depredado nos bairros Vigário Geral e Jardim Américo. Na matéria, policiais entrevistados afirmam que a ação foi praticada por traficantes e moradores que foram expulsos da favela pela quadrilha que comanda a favela vizinha, Parada de Lucas. A foto que ilustra a matéria mostra três bombeiros em ação apagando o fogo de um dos ônibus queimados. A legenda diz: "apesar da pronta ação de militares do Corpo de Bombeiros, os coletivos ficaram carbonizados. Pelo menos 30 pessoas participaram do vandalismo".

A matéria "No circuito de TV", do dia 05 de outubro, terça-feira, página 7, fala que dois homens armados invadiram uma agência bancária no bairro São Luiz, roubaram todo o dinheiro que estava nos caixas, mas conseguiram fugir. A foto que ilustra a matéria, localizada na parte superior da página, mostra algumas pessoas paradas na porta da agência bancária e uma viatura da Polícia Civil parada na rua. A legenda diz: "a polícia conta com as imagens do circuito interno para localizar os ladrões".

No dia 06 de outubro, quarta-feira, a matéria " Sob nova direção", página 06, informa sobre a transferência na administração da Casa de Detenção Antônio Dutra Ladeira, de Ribeirão das Neves. Antes comandada pela Polícia Civil, ela agora passa a ser um dever da Subsecretaria de Administração Penitenciária. Há duas fotos para ilustrar a matéria. A primeira, que tem como legenda: A movimentação em frente á casa de Detenção Antônio Dutra Ladeira, em Ribeirão das Neves, foi intensa", mostra a entrada da casa de detenção com várias pessoas e carros parados na rua. Já a segunda foto mostra o Subsecretário, Agílio Monteiro Filho, em close e no lugar da legenda tem uma frase do mesmo.

A matéria "Preso quadrilha acusada de clonar cartões", citada anteriormente, do dia 06 de outubro, quarta-feira, página 08, fala que policiais da delegacia especializada na Repressão a Crimes contra a informática e Fraudes Eletrônicas (Dercife) tiraram de circulação uma quadrilha que clonava cartões bancários de clientes da Caixa Econômica Federal. A matéria ainda conta como os policiais chegaram aos suspeitos do crime. Como foi descrito, a

matéria traz duas fotos - uma primeira mostra o material utilizado pela quadrilha e a outra traz os três acusados assentados escondendo o rosto. A legenda para as duas fotos diz: "Ferramentas e aparelhagem eletrônica usadas para as clonagens dos cartões magnéticos foram apreendidas com os acusados (á direita)".

O *Diário da Tarde* traz, no dia 08 de outubro, sexta-feira, mais uma matéria que reforça a imagem da polícia. Intitulada "O fim dos bingos", o texto noticia o fechamento definitivo de 14 casas de bingos em Belo Horizonte. Após uma ação conjunta realizada entre a Prefeitura, o Corpo de bombeiros e a Polícia Militar, com respaldo da Promotoria de Combate ao crime organizado, o Juizado Especial expediu mandados de busca e apenas o BH Bingo, localizado na Rua da Bahia, no centro, não foi interditado por alvará de funcionamento, que será cassado pela Regional Centro-Sul nos próximos dias, já que o licenciamento para esse tipo de atividade não existe mais. A foto que ilustra a matéria mostra dois homens abaixados lendo e analisando alguns papéis e no canto várias CPUs. A legenda diz: "a equipe mista começou a agir antes mesmo de a maior parte dos bingos começarem a funcionar".

A matéria "Armado e perigoso" do dia 09 de outubro, sábado, página 5, fala sobre uma tentativa de assalto que terminou com uma das vítimas baleada na perna e outra com ferimentos na cabeça. A matéria ainda conta que o assaltante foi preso por um cabo da PM. A foto que ilustra a matéria mostra o assaltante sendo colocado dentro da viatura da PM por um policial. A legenda diz: "O assaltante, Alexandre Xavier da Silva, chegou a agredir a arquiteta com a arma para forçá-la a soltar a bolsa, mas como ela resistiu, o ladrão saiu correndo".

Numa matéria que poderia gerar críticas à polícia, a abordagem que é feita ameniza o problema. Intitulada "Extravio de armas", do dia 09 de outubro, sábado, da página 06, a notícia trata da suspeita de um esquema fraudulento de extravio de armas de fogo no

Fórum da Cidade. A foto que ilustra a matéria mostra o delegado segurando uma arma de fogo e a legenda diz: “O delegado Afrânio Vasconcelos quer uma investigação rigorosa”.

A matéria “Assalto e corre-corre” do dia 09 de outubro, sábado, página 7, fala sobre dois assaltantes, entre eles um menor, que renderam e roubaram a bolsa de uma mulher, mas que eles foram perseguidos por dezenas de pessoas que os agrediram. Durante a perseguição, o menor disparou vários tiros em direção aos perseguidores e acabou atingindo um homem na coxa esquerda. Há duas fotos para ilustrar a matéria. Uma delas mostra o rosto em close de um dos assaltantes. A legenda diz: “Érico de Jesus Moreira pegou a bolsa, correu, mas foi perseguido e alcançado. A outra foto mostra a arma apreendida pela polícia. A legenda diz: “com os dois acusados, a polícia apreendeu a pistola utilizada para cometer o crime”.

3.3.3 Personagens vítimas

3.3.3.1 As vítimas das tragédias

A matéria “Comerciante morre” do dia 05 de outubro, quarta-feira, página 8, fala sobre um acidente que ocorreu na rodovia LMG-808, que liga Contagem a Esmeraldas, que culminou com a morte instantânea de um dos sócios da Mundial Imóveis. Donizete estava no volante e bateu de frente com o Gol branco. Donizete sofreu fraturas múltiplas e traumatismo crânio-encefálico. Há três fotos para ilustrar a matéria. A primeira delas mostra o barranco da estrada com um corpo jogado no chão. No alto, algumas pessoas paradas na beira da estrada e os carros que se envolveram no acidente. A legenda diz: “com o impacto, a picape S-10 capotou várias vezes e o motorista, que não estaria usando o cinto de segurança, foi lançado para fora do veículo. A segunda foto mostra o carro da polícia Militar e o gol todo

destruído depois da batida. A legenda diz: “de acordo com a polícia, o acidente aconteceu depois que o Gol derrapou na pista, molhada pela chuva que caía na região...”. A terceira foto mostra a caminhonete logo após a batida e três homens do parados ao lado do veículo. A legenda diz: “[...]depois, o veículo rodou, passou para a contramão e colidiu com a caminhonete”. O jornal utiliza muito o recurso visual para dar destaque à matéria.

A matéria “Batida tumultua trânsito no Santa Cruz”, do dia 09 de outubro, sábado, página 7, fala sobre uma batida entre um Uno e duas motos que provocou confusão interditando o trânsito no bairro Santa Cruz. A foto que ilustra a matéria mostra o Uno e as duas motos caídas no chão e algumas pessoas que pararam para ver o acidente. A legenda diz: “A batida deixou o trânsito interditado na Avenida Bernardo Vasconcelos”.

A matéria “Morte suspeita”, do dia 07 de outubro, quinta-feira, página 07, relata a morte do vigilante Ernane Luiz Coutinho, 24. Após ter tido crises de convulsão, duas paradas cardíacas e entrar em coma, Ernane não resistiu e morreu. Os médicos suspeitaram da morte e chamaram a polícia para maiores investigações. O corpo foi removido para o IML para exames de necropsia. Suspeita-se de ter morrido pelo uso constante de anabolizantes. A foto que ilustra a matéria mostra uma mulher e uma menina com semblante triste. A legenda diz: “a mãe de Ernane Luiz, Eliene Coutinho, ficou abalada e aguarda o laudo do IML para tomar providências”.

3.3.3.2 Vítimas sob ameaça

A matéria “Ameaçado de morte”, do dia 07 de outubro, quinta-feira, página 06, refere-se á ameaça de morte que recebeu o delegado-chefe da Delegacia Regional do Trabalho (DRT). Sendo uma das autoridades envolvidas na apuração da chacina de Unáí, Caros Calazans disse ter recebido um telefonema anônimo em seu celular, mostrando no visor a

indicação de número bloqueado. A foto que ilustra a matéria mostra Calazans gesticulando e conversando com alguém. Ao fundo aparece um cartaz sobre uma campanha de saúde e segurança no trabalho. A legenda diz: “Depois de fazer contatos com as polícias Federal e Civil, Calazans disse que as investigações sobre a chacina vão continuar”.

3.3.3.3 As vítimas do mundo do crime

A matéria “Empresário assassinado”, do dia 08 de outubro, sexta-feira, página 5, traz o relato do assassinato do empresário Márcio José Toledo, 50, sócio-proprietário de uma agência de veículos. Ele foi assassinado com seis tiros no bairro São Geraldo, região leste da cidade. Márcio foi morto no interior de seu carro, um Honda Civic modelo DX 94, placa GPT 3112, que estava parado no local com outra pessoa no banco do passageiro. Um dos suspeitos discutiu antes com Márcio e fugiu logo após o crime. Há duas fotos para ilustrar a matéria. Uma delas mostra a rosto da vítima e a outra mostra o carro parado com a porta aberta e o corpo da vítima lá dentro. A legenda diz: “segundo a polícia, o empresário foi assassinado depois de discutir com um homem, que fugiu após o crime”.

Outra matéria nesta linha intitulada “Taxista executado”, do dia 09 de outubro, sábado, página 8, conta que o corpo de um taxista foi encontrado morto a tiros dentro de seu carro. Colegas de profissão ficaram abalados com a morte do amigo e lembram um desentendimento entre a vítima e um sargento da Polícia Militar, mas não acreditam numa vingança por parte do policial. A foto que ilustra a matéria mostra o carro e o corpo da vítima no banco de trás com a porta aberta. Ainda na foto podemos ver que atrás do carro estão algumas pessoas que não foram identificadas na legenda, que diz: “O taxista foi fuzilado

quando estava no interior de seu carro. A polícia tem várias hipóteses para o assassinato. O crime chocou a região de Esmeraldas”.

Outra vítima do mundo do crime é um técnico, executado com quatro tiros. A matéria “Técnico é perseguido e executado com quatro tiros”, do dia 09 de outubro, sábado, página 8, relata o assassinato do técnico em refrigeração. Os primeiros levantamentos da polícia mostram que ele teria sido perseguido pelos criminosos e executado com quatro tiros. A foto que ilustra a matéria mostra a rua com o corpo do técnico coberto por um pano e algumas pessoas no fundo isolando o local. Há ainda no alto, uma foto 3x4 com o rosto do morto. A legenda diz: "Júlio Rosalino (detalhe) foi perseguido e morto com quatro tiros”.

3.4 O mundo do crime construído pelo *Diário da Tarde*

3.4.1 Os Criminosos x A Polícia

Como destacam Berger e Luckmann (1996), a realidade é construída socialmente. Nesse sentido, a linguagem, como vimos, é essencial para que seja estabelecida uma interação entre os homens. No caso da comunicação mediada, conforme destaca Thompson (1999), esta troca de informações ocorre através de meios técnicos. Daí a centralidade da comunicação e o seu papel referencial, destacados por Rodrigues (1990, 1994).

Relacionando tais questões teóricas com a discussão sobre mídia, violência e sensacionalismo, percebe-se que são elementos que integram a cultura de massa. Morin (1997) destaca como uma das características desta cultura a exploração da agressividade, do crime, da violência, até porque existe um gosto sádico por parte do público em ver o trágico. Essa discussão é feita por Freud (1929), que aponta o instinto agressivo inerente à natureza humana. Da mesma forma, Rondelli (2000) destaca que a mídia, ao criar representações

sociais da violência, está agendando e interferindo no mundo social. De certa forma, estimula a violência.

Partindo destes autores, pode-se perceber, claramente, na abordagem policial do *Diário da Tarde* uma visão maniqueísta do mundo - o mundo dos criminosos, na maior parte, pessoas de baixa renda, que cometem atrocidades e são capturados pelos agentes do bem, os policiais.

Isso pode ser evidenciado na matéria “Armado e perigoso”, do dia 09 de outubro, sobre uma tentativa de assalto que terminou com uma das vítimas baleada na perna e outra com ferimentos na cabeça. A matéria ainda conta que o assaltante foi preso por um cabo da PM. A foto que ilustra a matéria mostra o assaltante sendo colocado dentro da viatura da PM por um policial. A legenda diz: “O assaltante, Alexandre Xavier da Silva, chegou a agredir a arquiteta com a arma para forçá-la a soltar a bolsa, mas como ela resistiu, o ladrão saiu correndo”.

Ao utilizar uma cobertura descontextualizada, extraindo casos fragmentados de violência, o jornal cria um mundo da violência que remete à idéia de que o mundo do crime está relacionado à maldade existente em pessoas principalmente de classes menos favorecidas. São os ladrões, os assassinos. Ao trabalhar com a fragmentação dos fatos, cria um universo policial, que legitima o papel de instituições, como a polícia civil, militar e por outro lado reforça estereótipos contra determinados grupos considerados mais vulneráveis ao mundo do crime.

Nesse sentido, retomando as idéias de Berger e Luckman (1996), a linguagem é utilizada para garantir a manutenção dos papéis estratégicos de legitimação do universo simbólico da polícia, que deve perseguir e capturar os criminosos. Cria-se o reforço de uma realidade objetiva. Não são inseridas nas matérias e as fotografias revelam o descaso com os personagens, como se não tivessem nem mesmo o direito de se manifestarem. Estão sempre

em posição de cabeça baixa, sendo humilhados, porque cometeram algum crime. Isso fica claramente evidenciado na matéria “Preso quadrilha acusada de clonar cartões”, que narra a prisão dos criminosos pela polícia e traz uma foto com os três acusados assentados escondendo o rosto.

Para Rondelli (2000), a matriz que tem prioridade na cobertura policial é a da espetacularização e da banalização da violência. Como pode ser observado na análise do material de fotojornalismo, os personagens criminosos são retratados sem remeter a qualquer contexto social, a qualquer história de vida. Simplesmente, são criminosos sem uma biografia. Por isso, seus rostos podem ser mostrados em fotografias para chamar a atenção do público.

3.4.2 A natureza sensacionalista

Como já foi discutido nos capítulos anteriores, o homem busca ver nos jornais o mesmo que ele assiste nas cenas dos filmes de ficção, nas novelas ou seriados. Rondelli (2000) destaca que a violência está disseminada na mídia, principalmente em forma de representações de cunho espetacular.

Evidencia-se esta abordagem nos textos de jornais, que acionam o caráter espetacular da notícia, para que a informação ganhe valor, se torne um produto e contribua para a venda do jornal. De acordo com Lustosa (1986), a narração de um fato exige um tratamento sensacionalista para que a notícia gere interesse no leitor, e na matéria policial a característica do sensacionalismo é ainda mais destacada. Por isso, é preciso criar os personagens do mundo do crime – os bandidos e os mocinhos, sendo que os criminosos, em sua maioria, como foi analisado, referem-se a pessoas de baixa renda, baixa escolaridade, que praticamente tem sua cidadania negada.

Pode-se perceber esta natureza sensacionalista nas matérias do jornal *Diário da Tarde*, que são marcadas por violência, morte e criminalidade. Se por um lado isto gera uma atração em determinado segmento do público que busca este tipo de material jornalístico, perde em credibilidade do ponto de vista da ética jornalística. Danilo Angrimani (1994) argumenta que, quando um veículo é taxado de sensacionalista, junto às características de audacioso e irreverente, acrescenta-se a imprecisão, distorção, erro na apuração e editorial agressivo – características que podem ocorrer dentro de um jornal informativo comum. O autor ainda observa que o noticiário sensacionalista extrapola o real, o fato, tornando sua credibilidade discutível. Sua linguagem, coloquial e exagerada obriga o leitor a envolver-se emocionalmente com o texto.

A linguagem sensacionalista é diferente da linguagem objetiva. A linguagem do veículo sensacionalista só pode ser clichê, que retrata o emocional. O sensacionalismo busca o envolvimento, e sua linguagem editorial precisa chocar e causar impacto, sem moderação.

Os jornais sensacionalistas transformam a morte em seu assunto de capa e estímulo de vendas. Mas o que move uma pessoa a preferir o jornal sensacionalista a um outro mais sério é a linguagem editorial (forma de destacar foto e texto) que irá separar o público exclusivo do jornal sensacionalista. No jornal *Diário da Tarde*, isso é bem marcado, já que suas fotos ocupam um espaço significativo nas matérias às quais estão vinculadas, muitas vezes, com o corpo dos mortos em destaque. Como exemplos, pode ser citada a matéria “Executado em casa” do dia 04 de outubro, que aborda o assassinato de uma pessoa. Os criminosos do aglomerado da Serra que teriam cometido o crime, segundo relata a matéria, incomodaram-se com a presença das pessoas e bateram na casa da vítima e o balearam quando o mesmo veio atender à porta com seu filho. A foto que ilustra a matéria, localizada no centro da parte superior da página, mostra o corpo da vítima no chão e a presença de várias pessoas ao seu redor. Antes de fugir, eles ainda executaram o rapaz, com 14 tiros, que havia

conduzido o grupo pela favela. A legenda diz: “segundo a polícia, Fábio de Oliveira foi assassinado com cerca de 14 tiros”.

3.4.3 A comunicação, o meio técnico e o contrato de leitura com o público-alvo

É preciso que exista um contrato de leitura entre o veículo e seu público-alvo. O Jornal *Diário da Tarde*, um veículo mais voltado para as classes C e D, estabelece um contrato em que o sensacionalismo é uma das marcas do teor informativo, portanto, junto às notícias, vem uma carga emocional grande. Isso é explorado não só nos recursos textuais, mas como foi analisado, principalmente nos recursos visuais, como as fotografias das matérias policiais que criam representações de uma violência marcada pelo espetacular, pelo factual, descontextualizada.

Tal característica é analisada por Ciro Marcondes Filho (1986), que argumenta que a imprensa sensacionalista presta fundamentalmente para satisfazer as necessidades instintivas do público. Nesse sentido, o jornal, ao retratar uma violência que remete a uma certa barbárie, atrai o leitor que, como forma de sublimar os seus instintos agressivos, faz uma catarse nas tragédias do cotidiano.

Morin (1997) também complementa esta análise ao afirmar que a imprensa da cultura de massa põe à disposição os fatos variados, que são os acontecimentos contingentes que só se justificam por seu valor emocional. A verdadeira natureza do homem é refletida através do sensacionalismo. Seus sonhos menos conscientes, sádicos e assassinos são realizados e vividos através do universo do crime. O autor argumenta ainda que os mortos das notícias sensacionalistas estão distantes dos leitores e por isso é como se eles estivessem morrendo no lugar dos leitores. Daí a idéia de sublimação, catarse, conceitos já trabalhados e de base psicanalítica na análise da comunicação de massa.

Segundo Morin (1997), os jornais sensacionalistas conseguem uma catarse até mais forte que as obras de ficção, como os filmes e as novelas. Assim a identificação com o leitor é maior do que, por exemplo, nos filmes, em que o final feliz, a fórmula do *happy end*, é providencial. Na notícia do jornal, há fatalidade, em que a morte se apropria tanto dos bons como dos maus.

Adriano Duarte Rodrigues fala que nem tudo o que aparece na história entre os diversos fatos aleatórios pode ser considerado acontecimento. Para ele, maior será o status do acontecimento, quanto menor for a possibilidade e previsibilidade dele acontecer. Por isso, o fato quando se torna acontecimento tem maior possibilidade de virar notícia.

O autor ainda observa que a noticiabilidade dos fatos pode ser registrada de várias maneiras. O registro do excesso acontece quando um determinado grupo age excessivamente para desempenhar funções normais. O da falha, quando há um defeito ou insuficiência no funcionamento comum dos acontecimentos. Este tipo pode ocorrer por falha humana ou mecânica. Há também o registro por inversão de situações normais. O maior exemplo deste tipo de registro é aquele em que o homem morde o cachorro. Os acontecimentos são sempre imprevisíveis, inesperados e seu próprio discurso é também um acontecimento de relevância, a partir do momento em que há possibilidade de ser visto por um grande número de pessoas.

Rodrigues afirma que neste processo de transformar os fatos em notícias os jornais criam uma lógica para o mundo cheio de fragmentos. Nesse sentido, jornais de cunho sensacionalista tendem, a partir de fatos diversificados da violência, dar um sentido de um mundo violento, marcado pelas pulsões agressivas, sem controle, que atinge, principalmente as parcelas menos favorecidas do ponto de vista social. É onde a criminalidade é maior. Como exemplo, pode ser citada a matéria intitulada “Taxista executado”, do dia 09 de outubro, que relata que um corpo de um taxista foi encontrado morto a tiros dentro de seu carro.

Como explicou Morin, é uma violência que atinge não só os vilões, mas também há muitas vítimas que são do “bem”. Na matéria, é relatado que colegas de profissão ficaram abalados com a morte do amigo e lembram um desentendimento entre a vítima e um sargento da Polícia Militar, mas não acreditam numa vingança por parte do policial. Como foi explicado anteriormente, a foto que ilustra a matéria mostra o carro e o corpo da vítima no banco de trás com a porta aberta. Ainda na foto pode-se observar que, atrás do carro, estão algumas pessoas que não foram identificadas na legenda, que diz: “O taxista foi fuzilado quando estava no interior de seu carro. A polícia tem várias hipóteses para o assassinato. O crime chocou a região de Esmeraldas”.

3.5 Fotojornalismo como construção do real

As imagens/fotografias que vemos como ilustrações das matérias de jornais são muito importantes para o nosso entendimento daquilo que está sendo mostrado. Assim como as notícias são uma forma de construção social da realidade, também as fotografias possuem esta responsabilidade. Segundo Flusser (1985), as imagens têm a função de representar o mundo. Quem observa confia nas imagens técnicas tanto quanto confia em seus olhos. Assim, elas eliminam os textos causando conseqüências perigosas. Elas são tão simbólicas quanto qualquer outra imagem, apesar da sua aparente objetividade. As imagens técnicas codificam textos em imagens. O que vemos a partir delas são conceitos relativos ao mundo.

As fotografias mostram ao observador visões de mundo. Todos os elementos da imagem, assim como as cores, são conceitos transcodificados que pretendem ser impressões automáticas do mundo lá fora. A intenção do fotógrafo é eternizar seus conceitos em forma de imagens acessíveis aos outros.

Como vimos, Boris Kossoy argumenta que a fotografia ganha credibilidade a partir do momento em que é utilizada como prova definitiva dos fatos, graças à sua capacidade de registrar aspectos do real. Kossoy diz ainda que a fotografia é um poderoso instrumento para a veiculação de idéias e da conseqüente formação e manipulação de opinião pública. No entanto, o autor ressalta que a realidade própria da fotografia não corresponde à realidade que envolveu o objeto de registro. Ela é a segunda realidade, realidade do documento e da representação, construída e codificada. Não se pode esquecer que toda fotografia possui um específico espaço e tempo. O que subentendem um contexto histórico específico em seus desdobramentos sociais, econômicos, culturais etc. Haverá sempre diferentes leituras, nas múltiplas interpretações que cada receptor faz que reside a realidade da fotografia. Por isso, as fotografias utilizadas no *Diário da Tarde* constrói determinado versão do mundo real, que é diferente da realidade construída pelo *Estado de Minas*. Ao priorizar a construção do “mundo do crime”, o jornal busca matérias, fontes e principalmente fotos que possam, em conjunto, construir esta representação simbólica da violência. Nesse sentido, as imagens não são mera reprodução do real, mas constituem a construção de um enredo jornalístico.

O processo de construção da representação é a produção da obra fotográfica por parte do fotógrafo. Já o processo de construção da interpretação é a recepção da obra por parte dos seus receptores e suas variadas leituras. Será a partir destes dois processos e a desmontagem deles que haverá margem para o processo de construção de realidades.

Pode-se perceber este processo de construção da realidade nas matérias que foram mostradas sobre o Prefeito de Unaí, que foi preso e libertado (através de um *Habeas Corpus*) acusado de participação no assassinato de três fiscais e um motorista do ministério do trabalho. Na segunda matéria do dia 07 de outubro, as fotos e legendas constróem uma imagem positiva do homem, que ainda não havia sido absolvido de um crime de morte.

Na primeira matéria, no dia 06 de outubro, o *Diário da Tarde* dá destaque, na matéria “Antério na rua”, ao *habeas corpus* que beneficiou o Prefeito de Unaí, acusado de participação no assassinato de três fiscais e de um motorista do ministério do trabalho ocorridos em janeiro. Na foto, o prefeito algemado está sendo levado por um homem e vários curiosos, além da imprensa, que estão atrás do prefeito. A legenda diz: “Tão logo saiu da Penitenciária, Nelson Hungria, em Contagem, o fazendeiro Antério Mânica (á esquerda) foi para um hotel de luxo na zona sul de BH”.

Já a segunda matéria, do dia 7 de outubro, intitulada “Nos braços do povo”, apresenta a saída de Antério Mânica da prisão. Após passar 19 dias preso na Penitenciária Nelson Hungria, em Contagem, sob a acusação de ser um dos mandantes da execução de quatro funcionários do Ministério do Trabalho, o megaprodutor de feijão de Itaúna recebeu o *habeas-corpus*. Mesmo na prisão, Antério foi eleito prefeito de Unaí com 72% dos votos válidos. A foto que ilustra a matéria mostra Mânica acenando para o povo em cima de um caminhão. A legenda diz: “Após ser libertado e provocar insatisfação no ministério público, o megaprodutor de feijão viajou para sua cidade, onde foi recebido por seus parentes, amigos e eleitores. Agora ele só poderá ser julgado pelo Tribunal Regional Federal, em Brasília”.

3.6 A banalização da violência como representação social

Rondelli (2000) diz que, nas últimas décadas, o aumento de episódios de violência fez com que o noticiário sobre esse assunto ganhasse destaque de maneira generalizada em todos os meios de comunicação. [\(tem q mudar aqui\)](#) Por isso, as matérias de cunho policial do *Diário da Tarde* ganham destaque até na primeira página.

Segundo a autora, no Brasil, há pouca discussão sobre os programas e jornais de conteúdo violento. Diferente do que se vê nos filmes e programas ficcionais, que mostram crimes passionais, exóticos, que envolvem pessoas famosas, *serial killers* o que vemos nos telejornais é a violência real, cotidiana, corriqueira e banal, além da policial, praticada, muitas vezes, de forma ilegal e ilegítima. Isso pode ser evidenciado no assassinato do taxista, citado anteriormente. Especulava-se sobre a possível autoria de uma policial, descartada pelo jornal como forma de proteger as suas fontes primárias.

Para Rondelli, a mídia, na sua condição de macrotestemunha privilegiada, passa a ser ator social dos fatos. Ela não só atribui sentidos próprios aos atos de violência, como expõem os fatos a outros atores sociais, quando os levam ao conhecimento público. As imagens violentas são tão fortes que fazem com que atos “erráticos” da violência se amplifiquem e se estendam á discussão no espaço público. O poder das imagens, conforme esclarece a autora, é fazer com que os atos de violência estendam-se á discussão no espaço público. A mídia tem um papel importante na produção de sentido exercida sobre a violência, pois, ao oferecê-la á exibição pública, convoca os demais atores a se pronunciarem e a estabelecerem juízos de valor sobre ela e a construírem uma opinião coletiva, um certo consenso social. Desta forma, a mídia se coloca como dispositivo que pauta a violência na agenda diária da constituição dos discursos e/ou dos sujeitos sociais.

As imagens da violência retratada nos telejornais mostram a desigualdade social existente no país e, desta forma, aparecem como um fenômeno da agressão física. Elas revelam não só o isolamento dos setores sociais neles envolvidos, como também a impotência da sociedade em resolver seus conflitos. Compreender a mídia é um modo de estudar a violência, pois quando a mídia divulga, espetaculariza, sensacionaliza ou banaliza os atos violentos, está atribuindo-lhes sentidos que induziram ás práticas referidas á violência.

Pode-se evidenciar claramente esta relação entre o mundo do crime e as desigualdades sociais. O *Diário da Tarde* constrói como personagens do crime, na maioria das vezes, pessoas de baixa escolaridade, de baixa renda, que são fotógrafos, de cabeça baixa, em condição, muitas vezes, de humilhação. Para estes indivíduos, a imprensa contribui para negar o direito de cidadania, até mesmo o direito de defesa. A polícia, principalmente, muitas vezes, para ostentar a sua força e sua competência, gosta de mostrar os criminosos capturados, algemados, como na foto que mostra um acusado sendo colocado no carro da polícia.

Como exemplo, também pode ser citada a matéria que mostra assaltos ocorridos durante o dia, com pessoas comuns que estavam na rua e terminaram com vítimas baleadas ou feridas. A matéria “Armado e perigoso”, do dia 09 de outubro, refere-se a uma tentativa de assalto que terminou com uma das vítimas baleada na perna e outra com ferimentos na cabeça. A matéria ainda conta que o assaltante foi preso por um cabo da PM. A foto que ilustra a matéria mostra o assaltante sendo colocado dentro da viatura da PM por um policial. A legenda diz: “O assaltante, Alexandre Xavier da Silva, chegou a agredir a arquiteta com a arma para forçá-la a soltar a bolsa, mas como ela resistiu, o ladrão saiu correndo”. A fotografia ocupa o centro da página na parte superior.

A matéria “Assalto e corre-corre”, também divulgada no dia 09 de outubro, refere-se a dois assaltantes, entre eles um menor, que renderam e roubaram a bolsa de uma mulher, mas que eles foram perseguidos por dezenas de pessoas que os agrediram. Durante a perseguição, o menor disparou vários tiros em direção aos perseguidores e acabou atingindo um homem na coxa esquerda. Há duas fotos para ilustrar a matéria. Uma delas mostra o rosto em *close* de um dos assaltantes. A legenda diz: “Érico de Jesus Moreira pegou a bolsa, correu, mas foi perseguido e alcançado. A outra foto mostra a arma apreendida pela polícia. As fotografias foram inseridas na parte superior da página. A legenda diz: “Com os dois acusados, a polícia apreendeu a pistola utilizada para cometer o crime”.

Como pode ser observado, são rotinas de uma violência corriqueira, que acontece no cotidiano dos grandes centros urbanos, principalmente em locais de caráter mais popular. São episódios factuais de uma violência banalizada, que rendem aos jornais o material básico para se construir este mundo sensacionalista. Assaltos, homicídios, estupros e outros crimes, tão comuns hoje no dia a dia das metrópoles, mais ainda nos bairros periféricos e de maior índice de exclusão social, constituem o ingrediente para que o jornal possa selecionar alguns fatos aleatórios e construir a sua versão da realidade, que remete a uma violência banalizada.

Considerações Finais

Um dos objetivos para a realização desta pesquisa foi analisar de que forma o jornal *Diário da Tarde*, por meio de seu caderno policial, faz a construção da nossa realidade. Pôde-se constatar, nos capítulos teóricos, que o real é construído socialmente e que, desta forma, a linguagem utilizada serve para estabelecer uma interação entre os homens. A partir da análise do material pesquisado (os próprios jornais, no período de uma semana), foi possível verificar que o fotojornalismo policial no jornal analisado traz características sensacionalistas, principalmente por buscar apresentar um teor mais popularesco. Estas informações de teor sensacionalista, que incluem os recursos textuais e visuais, que retratam uma violência banalizada, corriqueira, constituem uma forma de estabelecer um contrato de leitura com seu público alvo. No caso do *Diário da Tarde*, usa o sensacionalismo, tanto nos textos das notícias quanto nas fotografias, como estratégia de atingir um público das classes C e D.

A partir da construção teórica, pode-se destacar, também, que o homem tem por natureza uma característica instintiva de agressividade, conforme apontou Freud e Angrimani. Os jornais, ao tratarem de forma espetacular a violência, usam principalmente as imagens como forma de sublimar os instintos agressivos do leitor., ou seja, este procura ver nos jornais aquilo que vê na ficção, mas que no jornal é mais chocante, porque possui a fatalidade e não o final feliz encontrado nos filmes.

Percebe-se que a cultura de massa explora a violência de forma significativa, tendo na mídia o locus privilegiado para estimular este tema ao criar representações de teor violento. Ao fazer recortes da realidade, o jornal *Diário da Tarde* fez uma separação maniqueísta do mundo, em que o bem é representado pelos policiais e o mal pelos criminosos, geralmente pertencentes a classes menos favorecidas. Esta característica é confirmada através da análise descritiva, em que foi feita uma tipologia das fotografias inseridas nas matérias policiais.

Pôde-se identificar alguns personagens criados pelo jornal, que se referiam a um "criminoso preso", a um "criminoso morto", a "polícia" ou a "vítimas". Nesse sentido, o jornal reforça estereótipos e descontextualiza a violência.

Entretanto, constata-se, também, que, ao espetacularizar e banalizar a violência, o jornal perde credibilidade no ponto de vista da ética jornalística, porque extrapola o real, faz uma cobertura descontextualizada socialmente e apela para a emoção com o intuito de venda. O jornal expõe uma violência banalizada e o retrato de uma sociedade marcada pela exclusão social aos outros atores sociais, ocupando um papel importante na produção de sentido - neste caso de um sentido que reforça estigmas sobre as classes menos favorecidas.

A pesquisa não trouxe novidades do ponto de vista das hipóteses, das quais partimos no projeto de monografia. No entanto, ao sistematizar os dados e analisar de forma mais aprofundada, tanto na revisão teórica quanto na análise empírica, foi possível construir uma reflexão sobre como o jornalismo policial ainda atrai leitores e que tipo de estratégias utiliza. Nesse sentido, deve-se tomar o trabalho como uma forma de refletir sobre a relação mídia e violência - que é mais explícita nos cadernos policiais mas que está disseminada na programação televisiva e nos outros tipos de mídia. No que cabe à imprensa, não é só seu dever mostrar o "real", até porque pode-se concluir que são construídas versões da realidade, mas tem um papel social relevante que deve ser trabalhado. Se os jornais continuarem privilegiando o lucro em detrimento da qualidade, perderão espaço. E no trabalho, pode-se perceber que o jornalismo policial, ao mostrar informações com teor sensacionalista, não vem cumprindo seu papel na sociedade. E isso precisa mudar. Uma mudança que não passa só pela imprensa, mas também pelo público que continua legitimando e pagando para ter este tipo de informação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGRIMANI, Danilo. *Espreme que sai sangue - Um estudo do sensacionalismo na imprensa*. São Paulo: Summus, 1995

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1996

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaios paara uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo: Hucitec, 1985

FREUD, S. *O mal-estar na civilização*, ESB, XXI, 1929.

FREUD, S. *O Ego e o Id. In: Obras Completas*. Madrid, Biblioteca Nueva, 1981

MARCONDES, Filho Ciro. *O Capital da Notícia*. São Paulo. Editora Ática. 1986

MARCONDES, Filho Ciro. *A saga dos cães perdidos*. São Paulo. Hacker Editora, 2000

MARCONDES, Filho Ciro. *Jornalismo fin-de-siècle*. Sao Paulo.: Scritta Editorial, 1993

Monitor de Mídia – UNIVALI. *Imprensa repete vícios na cobertura da violência*. Nov 2004. www.comciencia.br

Monitor de Mídia. *Mídia dramatiza violência, dizem pesquisadores*. Nov. 2004. www.comciencia.br

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo - I neurose*. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997

RONDELLI, Elizabeth. *Imagens da violência e práticas discursivas*. Templo Social, São Paulo. 1998

SODRÉ, Muniz. *A comunicação do grotesco: introdução á cultura de massa brasileira*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1972

VELHO, Gilberto. *O Desafio da Violência*. Nov 2004. www.comciencia.br

ZALUAR, Alba, *Da revolta ao crime* S.A., Ed. Moderna, São Paulo, 1996

Anexos